

Clarissa Pinkola Estés

MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS

Mitos e histórias do arquétipo
da mulher selvagem

Tradução de
Waldéa Barcellos

Rocco

Título original
WOMEN WHO RUN WITH THE WOLVES

Copyright © 1992 by Clarissa Pinkola Estés, Ph. D.

Direitos mundiais para a língua portuguesa
reservados com exclusividade à
EDITORA ROCCO LTDA.

Avenida Presidente Wilson, 231, 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
MAIRA PARULA

revisão técnica
SUZANNE ROBELL

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

E83m Estés, Clarissa Pinkola
Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo
da mulher selvagem / de Clarissa Pinkola Estés; tradução de
Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen.
– Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
(Arco do Tempo)

Tradução de: Women who run with the wolves
bibliografia

ISBN 85-325-0444-2

I. Mulheres – Psicologia. I. Título. II. Série

93-1216

CDD-155.633
CDU-159.9-055.2

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO: CANTANDO SOBRE OS OSSOS...	15

A GENEROSIDADE DA MULHER SELVAGEM: AS HISTÓRIAS

1. O UIVO: A RESSURREIÇÃO DA MULHER SELVAGEM	41
~ La Loba, a Mulher-lobo.....	41
~ Os quatro rabinos.....	49
2. A TOCAIA AO INTRUSO: O PRINCÍPIO DA INICIAÇÃO	57
~ O Barba-azul.....	57
<i>O predador natural da psique.....</i>	63
<i>A mulher ingênua como presa.....</i>	66
<i>A chave do conhecimento: a importância de farejar.....</i>	71
<i>O noivo animal.....</i>	74
<i>Cheiro de sangue.....</i>	76
<i>Recuar e dar a volta.....</i>	81
<i>Como dar o grito.....</i>	83
<i>Os devoradores de pecados.....</i>	85
<i>O homem sinistro nos sonhos das mulheres.....</i>	89
3. FAREJANDO OS FATOS: O RESGATE DA INTUIÇÃO COMO INICIAÇÃO.....	99
~ A boneca no bolso: Vasalisa, a sabida.....	99
<i>A primeira tarefa – Permitir a morte da mãe-boademas.....</i>	107

	<i>A segunda tarefa – Denunciar a natureza sombria..</i>	112
	<i>A terceira tarefa – Navegar nas trevas.....</i>	115
	<i>A quarta tarefa – Encarar a Megera Selvagem.....</i>	119
	<i>A quinta tarefa – Servir o não-racional.....</i>	123
	<i>A sexta tarefa – Separar isso daquilo.....</i>	129
	<i>A sétima tarefa – Perguntar sobre os mistérios:.....</i>	131
	<i>A oitava tarefa – De pé nas quatro patas.....</i>	135
	<i>A nona tarefa – Reformular a sombra.....</i>	138
4.	O PARCEIRO: A UNIÃO COM O OUTRO.....	148
	~ Um hino para o Homem Selvagem: Manawee..	148
	<i>A natureza dual das mulheres.....</i>	152
	<i>A força de ser dois.....</i>	153
	<i>O poder do nome.....</i>	156
	<i>A natureza tenaz do cachorro.....</i>	158
	<i>A sedução furtiva dos apetites.....</i>	159
	<i>A conquista da ferocidade.....</i>	162
	<i>A mulher interior.....</i>	163
5.	A CAÇADA: QUANDO O CORAÇÃO É UM CAÇADOR SOLITÁRIO.....	166
	~ A Mulher-esqueleto: encarando a natureza de vida-morte-vida do amor.....	166
	<i>A morte na casa do amor.....</i>	171
	<i>As primeiras fases do amor.....</i>	174
	<i>A descoberta acidental do tesouro.....</i>	174
	<i>A perseguição e a tentativa de se ocultar.....</i>	181
	<i>Desembaraçando o esqueleto.....</i>	185
	<i>O sono da confiança.....</i>	191
	<i>A doação da lágrima.....</i>	196
	<i>As fases posteriores do amor.....</i>	200
	<i>O coração como tambor e o canto para criar a vida.....</i>	200
	<i>A dança do corpo e da alma.....</i>	204
6.	A PROCURA DA NOSSA TURMA: A SENSAÇÃO DA INTEGRAÇÃO COMO UMA BÊNÇÃO.....	210
	~ O patinho feio: a descoberta daquilo a que pertencemos.....	210
	<i>A rejeição à criança diferente.....</i>	217

	<i>Tipos de mães.....</i>	220
	<i>A mãe ambivalente.....</i>	221
	<i>A mãe prostrada.....</i>	223
	<i>A mãe criança e a mãe sem mãe.....</i>	225
	<i>A mãe forte, a prole forte.....</i>	228
	<i>As más companhias.....</i>	230
	<i>A aparência indevida.....</i>	231
	<i>Sentimentos congelados, criatividade congelada.....</i>	232
	<i>O estranho que passava.....</i>	233
	<i>O isolamento como dádiva.....</i>	234
	<i>Os gatos desganhados e as galinhas vesgas do mundo.....</i>	235
	<i>A lembrança e a persistência não importa o que aconteça.....</i>	237
	<i>O amor pela alma.....</i>	239
	~ <i>O zigoto errado.....</i>	241
7.	O CORPO JUBILOSO: A CARNE SELVAGEM	250
	<i>A fala do corpo.....</i>	252
	<i>O corpo nos contos de fadas.....</i>	256
	<i>O poder das ancas.....</i>	259
	<i>La Mariposa, a Mulher-borboleta.....</i>	261
8.	A PRESERVAÇÃO DO SELF: A IDENTIFICAÇÃO DE ARMADILHAS, ARAPUCAS E ISCAS ENVENENADAS.....	269
	<i>A mulher braba.....</i>	269
	~ <i>Os sapatinhos vermelhos.....</i>	271
	<i>A perda brutal nos contos de fadas.....</i>	275
	<i>Os sapatinhos vermelhos feitos à mão.....</i>	278
	<i>As armadilhas.....</i>	281
	<i>Armadilha n.º 1: A carruagem dourada, a vida desvalorizada.....</i>	281
	<i>Armadilha n.º 2: A velha secarrona, a força senescente.....</i>	283
	<i>Armadilha n.º 3: A queima do tesouro, fome del alma, a fome da alma.....</i>	286
	<i>Armadilha n.º 4: Danos aos instintos básicos, a consequência do cativo.....</i>	290
	<i>Armadilha n.º 5: A tentativa de ocultar uma vida secreta, a divisão.....</i>	294

<i>Armadilha n.º 6: O recuo diante do coletivo, a rebelião na sombra.....</i>	301
<i>Armadilha n.º 7: A simulação, a tentativa de ser boa, a trivialização do anormal.....</i>	305
<i>Armadilha n.º 8: A dança descontrolada, a obsessão e a dependência.....</i>	310
<i>A dependência.....</i>	312
<i>Na casa do carrasco.....</i>	315
<i>A tentativa de tirar os sapatos, tarde demais.....</i>	315
<i>O retorno à vida feita à mão, a cura dos instintos feridos.....</i>	316

9. A VOLTA AO LAR: O RETORNO AO PRÓPRIO SELF.....	321
~ <i>Pele de foca, pele da alma.....</i>	323
<i>A perda do sentido da alma como iniciação.....</i>	328
<i>A perda da pele.....</i>	331
<i>O homem solitário.....</i>	338
<i>A criança espiritual.....</i>	341
<i>O definhamento e a invalidez.....</i>	343
<i>Ouvindo o chamado da Mais Velha.....</i>	346
<i>A demora excessiva.....</i>	349
<i>A separação, o mergulho.....</i>	355
<i>A mulher medial: a que respira debaixo d'água.....</i>	362
<i>A volta à superfície.....</i>	363
<i>A prática da solidão voluntária.....</i>	366
<i>A ecologia inata às mulheres.....</i>	371
10. AS ÁGUAS CLARAS: O SUSTENTO DA VIDA CRIATIVA.....	373
~ <i>La Llorona.....</i>	377
<i>A poluição da alma selvagem.....</i>	379
<i>O veneno no rio.....</i>	381
<i>O rio em chamas.....</i>	384
<i>O homem do rio.....</i>	388
<i>Reassumindo o rio.....</i>	394
<i>A concentração e o moinho da fantasia.....</i>	398
~ <i>A menininha dos fósforos.....</i>	399
<i>Afugentando a fantasia criativa.....</i>	401
<i>A renovação do fogo criativo.....</i>	408
~ <i>Os três cabelos de ouro.....</i>	409

11.	O CIO: A RECUPERAÇÃO DE UMA SEXUALIDADE SAGRADA.....	416
	~ As deusas sujas.....	416
	<i>Baubo: a deusa do ventre.....</i>	419
	<i>Coyote Dick.....</i>	423
	<i>Uma viagem a Ruanda.....</i>	426
12.	A DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO: OS LIMITES DA RAIVA E DO PERDÃO.....	430
	~ O urso da meia-lua.....	430
	<i>A raiva como mestra.....</i>	435
	<i>A procura da curandeira: a escalada da montanha..</i>	438
	<i>O espírito do urso.....</i>	443
	<i>O fogo transformador e a ação correta.....</i>	444
	<i>A raiva legítima.....</i>	447
	~ As árvores ressecadas.....	447
	~ Descansos.....	451
	<i>O instinto ferido e a raiva.....</i>	454
	<i>A fúria coletiva.....</i>	455
	<i>A prisão da raiva antiga.....</i>	456
	<i>Os quatro estágios do perdão.....</i>	458
13.	MARCAS DE COMBATE: A PARTICIPAÇÃO NO CLÃ DAS CICATRIZES.....	462
	<i>Os segredos como assassinos.....</i>	462
	<i>A zona morta.....</i>	466
	~ A mulher dos cabelos de ouro.....	467
	<i>O capote expiatório.....</i>	476
14.	LA SELVA SUBTERRÂNEA: A INICIAÇÃO NA FLORESTA SUBTERRÂNEA.....	478
	~ A donzela sem mãos.....	478
	<i>O primeiro estágio – O pacto sem o conhecimento.</i>	486
	<i>O segundo estágio – A mutilação.....</i>	495
	<i>O terceiro estágio – A perambulação.....</i>	507
	<i>O quarto estágio – Encontrando o amor no outro mundo.....</i>	513
	<i>O quinto estágio – O tormento da alma.....</i>	528
	<i>O sexto estágio – O reino da Mulher Selvagem.....</i>	547
	<i>O sétimo estágio – O noivo e a noiva selvagens.....</i>	555

CAPÍTULO 8

A preservação do Self: A identificação de armadilhas, arapucas e iscas envenenadas

A mulher braba

Segundo o Oxford English Dictionary, a palavra *feral*, em inglês, deriva do latim *fer...* que significa “animal selvagem”. No emprego mais comum da palavra, um animal “brabo” é aquele que um dia foi selvagem, foi depois domesticado e voltou ao estado natural ou indomado.

A mulher braba é aquela que um dia viveu num estado psíquico natural — ou seja, em perfeito estado mental selvagem — e que depois se tornou cativa de alguma reviravolta dos acontecimentos, passando, assim, a ser excessivamente domesticada e amortecida nos seus instintos próprios. Quando essa mulher tem a oportunidade de voltar à sua natureza selvagem original, quase sempre ela é vítima de todos os tipos de armadilhas e venenos. Como seus ciclos e seus sistemas de proteção foram manipulados, ela corre riscos naquele que costumava ser seu estado selvagem natural. Já não mais alerta e desconfiada, ela se torna presa fácil.

Existe um padrão específico para a perda dos instintos. É essencial que estudemos esse modelo, que na realidade o decoremos, para que possamos proteger os tesouros das nossas naturezas básicas bem como os das nossas filhas. Nos bosques psíquicos, há muitas armadilhas enferrujadas que ficam escondidas por baixo das folhas verdes do chão da floresta. Em termos psicológicos, o mesmo vale para o mundo objetivo. Existem vários chamarizes aos quais somos suscetíveis: relacionamentos, pessoas e empreitadas tentadoras. Dentro da isca sedutora há, porém, algo afiado, algo que acabará com nosso espírito no momento em que dermos a primeira mordida.

As mulheres brabas de todas as idades, e especialmente as jovens, têm uma enorme vontade de compensar períodos de fome e de isolamento. Elas se arriscam quando fazem esforços excessivos e irracionais para se aproximar de pessoas e objetivos que não são benéficos, concretos ou duradouros. Não importa onde ou em que época elas vivam, há sempre armadilhas à sua espera. Há sempre vidas menores para onde as mulheres se vêm forçadas ou atraídas.

Se você alguma vez foi capturada, se você alguma vez sofreu de *hambre del alma*, uma fome da alma, se você alguma vez se sentiu num alçapão e especialmente se você tem uma compulsão a criar, é bem provável que você tenha sido ou seja uma mulher braba. A mulher braba tem em geral uma fome extrema por algo profundo e, muitas vezes, pode ingerir qualquer veneno disfarçado na ponta de uma flecha, na crença de que ele é aquilo pelo qual sua alma anseia.

Embora algumas mulheres brabas se desviem das armadilhas no último instante com mínimas perdas de pêlo, um número muito maior cai nessas armadilhas sem perceber, ficando temporariamente desorientadas, enquanto outras são alquebradas pelas armadilhas e ainda outras conseguem se libertar e se arrastar dali até uma caverna para cuidar dos seus ferimentos sozinhas.

Para evitar esses ardis e engodos propiciados pelo tempo que a mulher passa no cativeiro e na fome, precisamos ter a capacidade de prevê-los e de nos desviarmos deles. Temos de voltar a desenvolver o *insight* e a prudência. Temos de aprender a nos desviar. Para poder distinguir as opções corretas, temos de poder ver as erradas.

Existe uma história ilustrativa contada por velhas a respeito das aflições da mulher esfaimada e braba. Ela é conhecida pelos títulos diversos de "As sapatilhas do Diabo", "Os sapatos ardentes do Diabo" e "Os sapatinhos vermelhos". Hans Christian Andersen escreveu um conto de fadas baseado nessa antiga história, dando-lhe este último título. Como um verdadeiro contador de histórias, ele envolveu o enredo básico com uma boa parte da sua própria inteligência e sensibilidade étnica, mas o esqueleto da história é o mesmo.

Segue-se uma versão germânico-magiar que minha tia Tereza costumava nos contar quando éramos crianças. Na sua versão da história, ela sempre começava dizendo: "Olhem pa-

ra seus sapatos e agradeçam por eles serem sem graça... porque é preciso que se viva com muito cuidado quando os sapatos são vermelhos demais.”



Os sapatinhos vermelhos

Era uma vez uma pobre órfã que não tinha sapatos. Essa criança guardava os trapos que pudesse encontrar e, com o tempo, conseguiu costurar um par de sapatos vermelhos. Eles eram grosseiros, mas ela os adorava. Eles faziam com que ela se sentisse rica, apesar de ela passar seus dias procurando alimento nos bosques espinhosos até muito depois de escurecer.

Um dia, porém, quando ela vinha caminhando com dificuldade pela estrada, maltrapilha e com seus sapatos vermelhos, uma carruagem dourada parou ao seu lado. Dentro dela, havia uma senhora de idade que lhe disse que ia levá-la para casa e tratá-la como se fosse sua própria filhinha. E assim lá foram elas para a casa da rica senhora, e o cabelo da menina foi lavado e penteado. Deram-lhe roupas de baixo de um branco puríssimo, um belo vestido de lã, meias brancas e reluzentes sapatos pretos. Quando a menina perguntou pelas roupas velhas, e em especial pelos sapatos vermelhos, a senhora disse que as roupas estavam tão imundas e os sapatos eram tão ridículos que ela os jogara no fogo, onde se reduziram a cinzas.

A menina ficou muito triste, pois, mesmo com toda a fortuna que a cercava, os modestos sapatos vermelhos feitos por suas próprias mãos haviam lhe dado uma felicidade imensa. Agora, ela era obrigada a ficar sentada quieta o tempo todo, a caminhar sem saltitar e a não falar a não ser que falassem com ela, mas uma chama secreta começou a arder no seu coração e ela continuou a suspirar pelos seus velhos sapatos vermelhos mais do que por qualquer outra coisa.

Como a menina tinha idade suficiente para ser crismada no dia do sacramento, a senhora levou-a a um velho sapateiro aleijado para que ele fizesse um par de sapatos especiais para a ocasião. Na vitrina do sapateiro havia um par de lindíssi-

mos sapatos vermelhos do melhor couro. Eles praticamente refulgiam. Pois, apesar de sapatos vermelhos serem escandalosos para se ir à igreja, a menina, que só sabia decidir com seu coração faminto, escolheu os sapatos vermelhos. A vista da velha senhora era tão fraca que ela, sem perceber a cor dos sapatos, pagou por eles. O velho sapateiro piscou para a menina e embrulhou os sapatos.

No dia seguinte, os membros da congregação ficaram alvoroçados com os sapatos da menina. Os sapatos vermelhos brilhavam como maçãs polidas, como corações, como ameixas tingidas de vermelho. Todos olhavam carrancudos. Até os ícones na parede, até as estátuas não tiravam os olhos reprovadores dos sapatos. A menina, no entanto, gostava cada vez mais deles. Por isso, quando o bispo começou a salmodiar, o coro a cantarolar, o órgão a soar, a menina não achou que nada disso fosse mais belo que os seus sapatos vermelhos.

Antes do final do dia, a velha senhora já estava informada dos sapatos vermelhos da sua protegida.

— Nunca, nunca mais use esses sapatos vermelhos! — ameaçou a velha. No domingo seguinte, porém, a menina não conseguiu deixar de preferir os sapatos vermelhos aos pretos, e ela e a velha senhora caminharam até a igreja como de costume.

À porta do templo estava um velho soldado com o braço numa tipóia. Ele usava uma jaqueta curta e tinha a barba rui-va. Ele fez uma mesura e pediu permissão para tirar o pó dos sapatos da menina. Ela estendeu o pé, e ele tamborilou na sola dos sapatos uma musiquinha compassada que lhe deu cócegas nas solas dos pés.

— Lembre-se de ficar para o baile — disse ele, sorrindo e piscando um olho para ela.

Mais uma vez, todos lançaram olhares reprovadores para os sapatos vermelhos da menina. Ela, no entanto, adorava tanto esses sapatos que brilhavam como o carmim, como framboesas, como romãs, que não conseguia pensar em mais nada, que mal prestou atenção no culto. Estava tão ocupada virando os pés para lá e para cá para admirar os sapatos que se esqueceu de cantar.

— Que belas sapatilhas! — exclamou o soldado ferido quando ela e a velha senhora saíam da igreja. Essas palavras

fizeram a menina dar alguns rodopios ali mesmo. No entanto, depois que seus pés começaram a se movimentar, eles não queriam mais parar; e ela atravessou dançando os canteiros e dobrou a esquina da igreja até dar a impressão de ter perdido totalmente o controle de si mesma. Ela dançou uma gavota, depois uma *csárdás* e saiu valsando pelos campos do outro lado da estrada.

O cocheiro da velha senhora saltou do seu banco e correu atrás da menina. Ele a segurou e a trouxe de volta para a carruagem, mas os pés da menina, nos sapatos vermelhos, continuavam a dançar no ar como se ainda estivessem no chão. A velha senhora e o cocheiro começaram a puxar e a forçar, na tentativa de arrancar os sapatos vermelhos dos pés da menina. Foi um horror. Só se viam chapéus caídos e pernas que escoiceavam, mas afinal os pés da menina se acalmaram.

De volta à casa, a velha senhora enfiou os sapatos vermelhos no alto de uma prateleira e avisou a menina para nunca mais calçá-los. No entanto, a menina não conseguia deixar de olhar para eles e ansiar por eles. Para ela, eles eram o que havia de mais lindo no planeta.

Não muito tempo depois, o destino quis que a velha senhora caísse de cama e, assim que os médicos saíram, a menina entrou sorrateira no quarto onde eram guardados os sapatos vermelhos. Ela os contemplou lá no alto da prateleira. Seu olhar tornou-se fixo e provocou nela um desejo tão forte que a menina tirou os sapatos da prateleira e os calçou, na crença de que eles não lhe fariam mal algum. Só que, no instante em que eles tocaram seus calcanhares e seus dedos, ela foi dominada pelo impulso de dançar.

E saiu dançando porta afora e escada abaixo, primeiro uma gavota, depois uma *csárdás* e em seguida giros arrojados de valsa em rápida sucessão. A menina estava num momento de glória e não percebeu que enfrentava dificuldades até que teve vontade de dançar para a esquerda e os sapatos insistiram em dançar para a direita. Quando ela queria dançar em círculos, os sapatos teimavam em seguir em linha reta. E, como eram os sapatos que comandavam a menina, em vez do contrário, eles a fizeram dançar estrada abaixo, atravessar os campos enlameados e penetrar na floresta soturna e sombria.

Ali, encostado numa árvore, estava o velho soldado de barba ruiva, com o braço na tipóia e usando sua jaqueta curta.

— Puxa — disse ele —, que belas sapatilhas!

Apavorada, a menina tentou tirar os sapatos, mas por mais que puxasse, eles continuavam firmes. Ela saltava primeiro num pé, depois no outro, para tentar tirá-los, mas o pé que estava no chão continuava dançando assim mesmo e o outro pé na sua mão também fazia seu papel na dança.

É assim, ela dançava e dançava sem parar. Por sobre os montes mais altos e pelos vales afora, na chuva, na neve e ao sol, ela dançava. Ela dançava na noite mais escura, no amanhecer e continuava dançando também ao escurecer. Só que não era uma dança agradável. Era terrível, e não havia descanso para a menina.

Ela entrou no adro de uma igreja e ali um espírito guardião não quis permitir que ela entrasse.

— Você irá dançar com esses sapatos vermelhos — proclamou o espírito — até que fique como uma alma penada, como um fantasma, até que sua pele pareça suspensa dos ossos, até que não sobre nada de você a não ser entranhas dançando. Você irá dançar de porta em porta por todas as aldeias e baterá três vezes a cada porta. E, quando as pessoas espiarem quem é, verão que é você e temerão que seu destino se abata sobre elas. Dancem, sapatos vermelhos. Vocês devem dançar.

A menina implorou misericórdia mas, antes que pudesse continuar a suplicar, os sapatos vermelhos a levaram embora. Ela dançou por cima das urzes, através dos riachos, por cima de cercas-vivas, sem parar. Ainda dançava quando voltou à sua antiga casa e viu pessoas de luto. A velha senhora que a havia abrigado estava morta. Mesmo assim, ela passou dançando. Dançava porque não podia deixar de dançar. Totalmente exausta e apavorada, ela entrou dançando numa floresta onde morava o carrasco da cidade. E o machado na parede começou a tremer assim que pressentiu que ela se aproximava.

— Por favor! — implorou ela ao carrasco quando passou pela sua porta. — Por favor, corte fora meus sapatos para me livrar desse destino horrível.

O carrasco cortou fora as tiras dos sapatos vermelhos com o machado, mas os sapatos não se soltaram dos pés da meni-

na. Ela se lamentou, então, dizendo que sua vida não valia mesmo nada e que ele deveria amputar-lhe os pés. Foi o que ele fez. Com isso, os sapatos vermelhos com os pés neles continuaram dançando floresta afora e morro acima até desaparecerem. A menina era, agora, uma pobre aleijada e teve de descobrir um jeito de sobreviver no mundo trabalhando como criada. E nunca mais ansiou por sapatos vermelhos.

A perda brutal nos contos de fadas

É mais do que razoável que se pergunte por que motivo os contos de fadas têm finais tão brutais. Trata-se de um fenômeno encontrado por toda a parte nas mitologias e no folclore. O horripilante fecho dessa história é típico dos finais de histórias de fadas nas quais a protagonista espiritual é incapaz de completar um esforço de transformação.

Em termos psicológicos, o episódio brutal comunica uma verdade psíquica imperiosa. Essa verdade é tão urgente — e no entanto tão fácil de ser descartada quando dizemos: “Ah, sim, é, entendo” e seguimos, mesmo assim, na direção da nossa ruína — que é improvável que prestemos atenção ao aviso se ele for expresso em termos mais leves.

No mundo tecnológico moderno, os episódios brutais dos contos de fadas foram substituídos por imagens nos comerciais da televisão como, por exemplo, aquelas que mostram uma fotografia de uma família com um dos membros eliminado e com um rastro de sangue cobrindo a fotografia para mostrar o que acontece quando a pessoa dirige alcoolizada, ou aquelas imagens que tentam convencer as pessoas a não usarem drogas ilícitas mostrando um ovo a borbulhar numa frigideira e salientando que é isso o que ocorre com o cérebro submetido a drogas. A imagem brutal é um velho recurso para fazer com que o self emotivo preste atenção a uma mensagem muito séria.

A verdade psicológica na história dos sapatinhos vermelhos é a de que a vida expressiva da mulher pode ser sondada, ameaçada, roubada ou seduzida a não ser que ela se mante-

nha fiel à sua alegria básica e ao seu valor selvagem, ou que os resgate. A história chama a nossa atenção para armadilhas e venenos com os quais nos envolvemos com excessiva facilidade quando estamos sem a proteção da alma selvagem. Sem uma firme participação da natureza selvagem, a mulher definhava e cai numa obsessão pelo que a faça se sentir melhor, pelo que a deixe em paz e por qualquer um que a ame, pelo amor de Deus.

Quando está esfaimada, a mulher aceita qualquer substituto que lhe seja oferecido, incluindo-se aqueles que, como os placebos, não fazem absolutamente nada por ela e os que são destrutivos e perigosos, que a fazem gastar seu tempo e seu talento de modo revoltante ou que expõem sua vida a perigos físicos. Trata-se de uma fome da alma que leva a mulher a optar por aquilo que a fará sair dançando descontrolada — e a levará também perto demais da porta do carrasco.

Portanto, para podermos compreender essa história com maior profundidade, precisamos ver como uma mulher pode se perder de forma tão drástica ao perder sua vida selvagem e instintual. O jeito de nos mantermos fiéis ao que temos, o jeito de descobrir o caminho de volta ao feminino selvagem, está em ver os erros que pode cometer uma mulher presa numa armadilha dessas. Só então podemos voltar atrás para consertar os estragos. Só então podemos ter uma reunião.

Como veremos, a perda dos sapatos vermelhos feitos à mão representa a perda da vitalidade passional e da vida que a própria mulher projetou para si, aliadas à adoção de uma vida domesticada em excesso. Isso acaba levando à perda da percepção aguçada, que induz aos excessos, à perda do pé, a plataforma sobre a qual pousamos, nossa base, um aspecto profundo da nossa natureza instintual que sustenta a nossa liberdade.

“Os sapatinhos vermelhos” nos mostra como tem início uma deterioração e o estado a que chegamos se não tomamos qualquer iniciativa em defesa da nossa própria natureza selvagem. Que não reste dúvida, quando a mulher se esforça por intervir e combater seus próprios demônios, quaisquer que sejam eles, essa é uma guerra das mais valiosas, tanto em termos arquetípicos quanto nos da realidade consensual. Muito embora ela possa, como ocorre na história, chegar ao fundo

do poço em decorrência da fome, do cativoiro, do instinto prejudicado, de escolhas destrutivas e de todo o resto, lembre-se de que no fundo é onde ficam as raízes vivas da psique. É ali que estão os alicerces selvagens da mulher. No fundo está o melhor solo para semear e ver crescer algo de novo. Nesse sentido, chegar ao fundo do poço, embora extremamente doloroso, é chegar ao terreno de semeadura.

Apesar de que jamais desejaríamos os venenosos sapatinhos vermelhos e subsequente definhamento para nós mesmas nem para ninguém mais, existe no seu centro ardente e destrutivo algo que mescla a ferocidade e a prudência na mulher que dançou a dança maldita, que perdeu a si mesma e à sua vida criativa, que se transportou até o inferno numa cestinha barata (ou cara) e que, mesmo assim, de algum modo se manteve fiel a uma palavra, um pensamento, uma idéia até poder fugir desses demônios por uma fresta no tempo e poder sobreviver para contar sua história.

Portanto, a mulher que perdeu o controle pela dança, que perdeu seu equilíbrio e seus pés e compreende esse estado de privação no final da história, tem um conhecimento especial e valioso. Ela é como um *saguaro*, um belo cacto gigante que sobrevive no deserto. Esses cactos podem ser perfurados por muitos tiros, podem ser entalhados, derrubados, pisoteados e ainda assim sobrevivem, ainda assim armazenam a água que dá vida, ainda assim crescem loucamente e se recuperam com o tempo.

Apesar de os contos de fadas acabarem ao final de dez páginas, nossas vidas não acabam junto. Nós somos coleções de muitos volumes. Na nossa vida, mesmo que um episódio represente um desastre total, sempre há um outro episódio à nossa espera e depois mais outro. Há sempre outras oportunidades para acertar, para moldar nossa vida do jeito que merecemos que ela seja. Não percam tempo amaldiçoando alguma derrota. O fracasso é um mestre mais eficaz do que o sucesso. Ouçam, aprendam, insistam. É isso o que estamos fazendo com essa história. Estamos ouvindo sua mensagem antiqüíssima. Estamos aprendendo lições sobre modelos deteriorantes para podermos prosseguir com a força de quem sabe pressentir as armadilhas, arapucas e iscas antes de nos defrontarmos com elas ou de com elas nos envolvermos.

Começemos a destrinchar essa significativa história compreendendo o que acontece quando a vida que mais valorizamos, não importa a impressão que ela cause nos outros, a vida que mais amamos, é desvalorizada e reduzida a cinzas.

Os sapatinhos vermelhos feitos à mão

Na história, sabemos que a menina perde os sapatos vermelhos criados por ela mesma, aqueles que a faziam se sentir rica ao seu próprio modo. Ela era pobre, porém criativa. Estava encontrando seu jeito de ser. Havia passado da condição de não ter sapato nenhum à de ter sapatos que lhe proporcionavam um sentido de força espiritual apesar das dificuldades da sua vida concreta. Os sapatinhos feitos à mão são símbolos da sua ascensão de uma existência psíquica insignificante para uma vida emotiva projetada por ela mesma. Seus sapatos representam um passo enorme e literal no sentido da integração da sua engenhosa natureza feminina na rotina do seu dia-a-dia. Não importa que sua vida seja imperfeita. Ela tem sua alegria. Ela irá evoluir.

Nos contos de fadas, podemos compreender essa personagem tipicamente pobre porém criativa, como um motivo psicológico daquele que é rico em espírito e que lentamente adquire maior conscientização e maior poder com o passar do tempo. Seria possível dizer que essa personagem retrata exatamente todas nós, pois todas avançamos lentamente, mas com segurança.

Sob o aspecto social, os sapatos transmitem um sinal: são um meio de distinguir um tipo de pessoa de outro tipo. Os artistas costumam usar sapatos que são completamente diferentes daqueles usados, digamos, por engenheiros. Os sapatos podem expressar algo a respeito de como somos, às vezes até de quem aspiramos ser, da *persona* que estamos experimentando.

O simbolismo arquetípico dos sapatos remonta à antiguidade, quando os sapatos eram um sinal de autoridade: os governantes os possuíam, os escravos não. Mesmo hoje em dia, grande parte do mundo moderno aprende a avaliar exageradamente a inteligência e a capacidade de uma pessoa com base no fato de ele ou ela usar sapatos ou não, assim como no

fato de essa pessoa que possui sapatos estar “bem-calçada” ou não.

Essa versão da história tem origem nos frios países do norte nos quais os sapatos são vistos como instrumentos de sobrevivência. Quando os pés são mantidos secos e aquecidos, eles permitem a sobrevivência da pessoa em condições extremas de frio e umidade. Lembro-me de que minha tia me contava que roubar o único par de sapatos de uma pessoa no inverno era um crime equivalente ao assassinato. A natureza apaixonada e criativa da mulher corre o mesmo risco se ela não puder se agarrar às suas fontes de alegria e crescimento. Elas são o seu calor, a sua proteção.

O símbolo dos sapatos pode ser interpretado como uma metáfora psicológica. Eles protegem e defendem o que é a nossa base — os nossos pés. No simbolismo dos arquétipos, os pés representam mobilidade e liberdade. Nesse sentido, ter sapatos para cobrir os pés é ter convicção nas nossas crenças e ter os meios necessários para segui-las. Sem sapatos psíquicos, a mulher é incapaz de transpor ambientes subjetivos ou objetivos que exijam perspicácia, bom senso, cautela e firmeza.

A vida e o sacrifício andam juntos. O vermelho é a cor da vida e do sacrifício. Para levar uma vida vibrante, precisamos fazer sacrifícios de diversos tipos. Se você quer ir para a universidade, deverá sacrificar tempo e dinheiro e dedicar uma concentração enorme a essa opção. Se você quiser criar, precisará sacrificar a superficialidade, alguma segurança e, com frequência, seu desejo de ser apreciada, para fazer vir à tona seus *insights* mais fortes, suas visões mais amplas.

Os problemas surgem quando há muito sacrifício, mas nenhuma vida brota disso tudo. Nesse caso, o vermelho é a cor da perda de sangue, em vez de ser a cor da vida do sangue. É exatamente isso o que ocorre na história. Perde-se um tipo de vermelho vibrante e amado quando os sapatinhos feitos à mão são queimados. Isso detona na menina um anseio, uma obsessão e, finalmente, uma dependência do outro tipo de vermelho: o das emoções baratas e velozes; o do sexo sem alma; aquele que leva a uma vida sem significado.

Portanto, ao interpretar todos os aspectos do conto de fadas como componentes da psique de uma única mulher, podemos concluir que a confecção dos sapatos vermelhos pela

própria criança representa um feito importante: a menina retira sua vida do *status* de escrava/descalça — a de quem cuida da própria vida, com os olhos voltados para o chão, sem olhar nem para a direita nem para esquerda — para uma conscientização que faz uma pausa para criar, que nota a beleza e sente alegria, que sente paixão e registra a satisfação... bem como tudo o que compõe a natureza essencial que chamamos de selvagem.

O fato de os sapatos serem vermelhos indica que o processo será de uma vida vibrante, o que inclui o sacrifício. Isso é justo e correto. O fato de esses sapatos serem feitos à mão e formados de retalhos demonstra que a criança simboliza o espírito criativo, que, sendo órfã e não tendo recebido ensinamentos por quaisquer motivos, conseguiu reunir os pedacinhos e formar os sapatos usando sua percepção inata. Muito bem! Uma bela e veemente afirmação.

Se ela tivesse sido deixada em paz, essa situação teria um progresso agradável para o self criativo. Na história, a menina está feliz com sua obra, com o fato de ter conseguido executá-la, o fato de ter tido paciência para procurar e acumular retalhos, para criar a forma, reunir os pedaços e combiná-los, para manifestar suas idéias. Não importa que a princípio o resultado seja grosseiro. Muitos dos deuses da criação em todas as culturas e através dos séculos não criaram com perfeição logo da primeira vez. A primeira tentativa pode sempre receber aperfeiçoamentos, assim como a segunda e muitas vezes a terceira e também a quarta. Isso não tem nada a ver com a nossa habilidade e talento. É simplesmente a vida, evocativa e em evolução.

Contudo, se a criança for deixada em paz, ela fará outro par de sapatos vermelhos, mais um e ainda outro, até que eles não saiam tão grosseiros. Ela irá progredir. No entanto, ainda superior à sua maravilhosa exibição de engenhosidade e à capacidade de prosperar em circunstâncias difíceis, o fato notável é que esses sapatos feitos por ela lhe proporcionaram uma alegria imensa, e a alegria é a seiva da vida, o alimento do espírito e a vida da alma reunidos num só.

A alegria é o tipo de sensação que a mulher experimenta quando ela põe as palavras no papel daquele jeito exato, ou acerta as notas *al punto*, como queria, logo da primeira vez.

Uau! É incrível. É o tipo de emoção que a mulher sente ao descobrir que está grávida quando é isso o que deseja. É o tipo de alegria que a mulher sente quando vê as pessoas que ama se divertindo. É aquela alegria que ela sente quando realizou alguma coisa na qual insistiu muito, que envolveu sentimentos fortes, algo que a fez se arriscar, algo que a fez se esforçar e se superar para conseguir — talvez com elegância, talvez não, mas com sucesso. Criou aquele algo, aquele alguém, a arte, a luta, o momento: sua vida. Esse é o estado de ser natural e instintivo da mulher. A Mulher Selvagem transpõe nesse tipo de alegria. Situações comoventes dessa natureza convocam a Mulher Selvagem pessoalmente.

No entanto, na história, como preferiu o destino, um dia, para se contrapor diretamente aos modestos sapatos vermelhos feitos de retalhos, à simples alegria de viver, chega rolando e estalando à vida da menina uma carruagem dourada.

As armadilhas

Armadilha nº 1: A carruagem dourada, a vida desvalorizada

No simbolismo dos arquétipos, a carruagem é uma imagem literal, um veículo que transporta alguma coisa de um lugar para outro. Nos temas de sonhos modernos e no folclore contemporâneo, ela foi suplantada principalmente pelo automóvel, que dá a mesma “impressão” arquetípica. Do ponto de vista clássico, esse tipo de veículo de “transporte” é compreendido como a disposição central da psique, que nos transporta de um lado da psique para o outro, de uma idéia para outra, de um pensamento para outro e de uma iniciativa para outra.

O ato de subir na carruagem dourada da velha senhora nesse ponto é muito parecido com a entrada na gaiola dourada. Ela supostamente oferece algo mais confortável, menos estressante, mas na realidade sua função é a de cativo. Ela prende de um jeito imperceptível de imediato, já que a princípio os dourados costumam ser ofuscantes. Imaginemos, portanto, que vamos descendo a estrada da nossa vida, com nossos sapatos feitos por nós mesmas, e somos acometidas por uma

disposição de ânimo que nos diz algo como “Talvez outra coisa fosse melhor; talvez algo que não fosse tão difícil; algo que consumisse menos tempo, energia e esforço.”

Isso ocorre muitas vezes na vida das mulheres. Estamos no meio de um empreendimento e não importa como nos sintamos a respeito dele. Estamos simplesmente criando nossa vida à medida que avançamos e fazendo o melhor possível. Logo, porém, somos inundadas por algo que nos diz, isso é muito difícil, mas olhe só aquela beleza logo ali; aquele negócio todo enfeitado parece ser mais fácil, mais bonito, mais irresistível. De repente, uma carruagem dourada se aproxima, a porta se abre, a escadinha cai e nós subimos. Fomos seduzidas. Essa tentação ocorre com regularidade, às vezes diariamente. E às vezes é difícil dizer não.

Por isso, nós nos casamos com a pessoa errada porque nossa vida será mais fácil em termos econômicos. Desistimos de uma peça nova na qual estivemos trabalhando e voltamos a usar a velha e desgastada fórmula, porém mais fácil, que viemos tentando forçar nos últimos dez anos. Não levamos aquele belo poema ao nível de refinamento máximo mas o deixamos no terceiro rascunho em vez de trabalhar nele mais um pouco.

A passagem da carruagem dourada supera a alegria modesta dos sapatos vermelhos. Embora pudéssemos interpretar esse fato como a procura por parte da mulher de bens e confortos materiais, muitas vezes ele exprime um mero desejo psicológico de não ter de se esforçar tanto com os aspectos básicos da vida criativa. O desejo de facilitar a vida não é a armadilha, pois é natural que o ego tenha esse desejo. Ah, mas o preço. O preço é que é a armadilha. A armadilha se fecha quando a menina vai morar com a senhora velha e rica. Nessa casa, ela deverá ficar bem-comportada e em silêncio... Não lhe será permitido verbalizar nenhum anseio e, mais especificamente, não lhe será permitida a realização desse anseio. É o início da fome da alma para o espírito criativo.

A psicologia junguiana tradicional salienta que a perda da alma ocorre especialmente na metade da vida, por volta dos trinta e cinco anos de idade, ou pouco depois. No entanto, para as mulheres na cultura moderna, a perda da alma é um perigo a cada dia que passa, quer se tenha dezoito, quer oitenta anos, sejam casadas ou não, independente da nossa linhagem, ins-

trução ou nível econômico. Muitas pessoas “instruídas” sorriem com superioridade quando ouvem falar que as pessoas “primitivas” possuem listas intermináveis de experiências e acontecimentos que na sua opinião podem roubar sua alma — desde ver um urso na época errada do ano até entrar numa casa que não foi benzida depois de ali ter ocorrido uma morte.

Embora muitos aspectos da cultura moderna sejam maravilhosos e revitalizantes, ela também possui maior quantidade de ursos em época errada e locais não-abençoados num único quarteirão do que em milhares de quilômetros quadrados de mato. O fato psíquico crucial continua a ser o de que nosso vínculo com o significado, com a paixão, com o envolvimento e com a natureza profunda é algo que precisamos proteger. Existem muitas coisas que tentam nos forçar, nos arrastar, nos seduzir para longe dos sapatos feitos à mão, que aparentam ser simples como quando dizemos: “numa outra hora, eu danço, planto, abraço, procuro, planejo, aprendo, faço as pazes, limpo... numa outra hora.” Só armadilhas.

Armadilha nº 2: A velha secarrona, a força senescente

Na interpretação dos sonhos e dos contos de fadas, compreende-se que aquele que possui o “veículo de atitudes”, a carruagem dourada, é o principal valor que pressiona a psique, que a força a seguir adiante, que a impulsiona na direção que lhe apraz. Nesse caso, os valores da velha senhora proprietária da carruagem começam a conduzir a psique.

Na psicologia junguiana tradicional, a figura arquetípica do idoso é às vezes chamada de força “senex”. Em latim, *senex* significa “velho”. Com maior propriedade e sem a atribuição de gênero, o símbolo do idoso pode ser compreendido como a *força senescente*: aquilo que age de um modo peculiar aos idosos.¹

Nos contos de fadas, essa força da idade é encarnada por uma pessoa idosa que é freqüentemente descrita como tendo apenas um aspecto, o que indica que o processo psíquico central está também se desenvolvendo apenas num aspecto. Em termos ideais, uma mulher de idade simboliza a dignidade, a capacidade de orientação, a sabedoria, o autoconhecimento, a atenção às tradições, os limites bem-definidos e a experiên-

cia... com uma boa dose de irreverência irritadiça, franca e encantadora para contrabalançar.

No entanto, quando uma velha num conto de fadas usa esses atributos de forma negativa, como na história dos sapatinhos vermelhos, somos avisadas de que certos aspectos da psique que deveriam ser mantidos aquecidos estão a ponto de serem congelados no tempo. Algo que normalmente vibra dentro da psique está prestes a ser engomado e alisado, a ser espancado ou deformado ao ponto de não ser mais reconhecido. Quando a menina entra na carruagem dourada da velha senhora e em seguida na sua casa, ela foi capturada exatamente como se, de propósito, tivesse enfiado a pata numa armadilha de dentes pontiagudos.

Como vemos na história, o fato de ser adotada pela velha senhora, em vez de dignificar o novo, permite que a atitude senescente destrua a inovação. Em vez de orientar sua protegida, a velha senhora tentará mumificá-la. A velha senhora nessa história não é sábia, mas se dedica, sim, à repetição de um único valor sem experimentos nem renovação.

Através de todas as cenas localizadas na igreja, concluímos que esse valor único é o de que a opinião do coletivo importa mais do que qualquer coisa e deveria superar as necessidades da alma selvagem individual. Com frequência, considera-se que o coletivo é a cultura² que cerca um indivíduo. Embora isso seja verdade, a definição de Jung era a de “muitos comparados com o indivíduo”. Somos influenciados por inúmeros coletivos, tanto pelos grupos aos quais nos associamos quanto por aqueles dos quais não somos integrantes. Sejam os grupos que nos cercam de natureza acadêmica, espiritual, financeira, profissional, familiar, quer de alguma outra natureza, eles impõem poderosas recompensas e punições a seus membros e aos não-membros com idêntica aplicação. Eles operam de modo a influenciar e controlar todas as áreas possíveis — desde os nossos pensamentos até a nossa escolha de parceiros e o trabalho da nossa vida. Eles podem também depreciar ou desestimular os esforços que não se harmonizem com as suas preferências.

Nessa história, a velha senhora é um símbolo da rígida guardiã da tradição coletiva, de quem sustenta o *status quo* sem questioná-lo, do “comporte-se; não crie confusão; não pen-

se demais; não se superestime; não chame a atenção; seja mais uma cópia; seja simpática; aceite tudo, mesmo que não goste, mesmo que não se ajuste a você, que não seja do tamanho certo e que machuque.” E assim por diante.

Obedecer a um sistema de valores tão desprovido de vida provoca uma perda extrema de vínculo com a alma. Independente de quaisquer influências ou afiliações com grupos, nosso desafio em defesa da alma selvagem e do nosso espírito criador consiste em *não* nos fundirmos com o coletivo, mas em nos distinguirmos dos que nos cercam, construindo pontes até eles à nossa escolha. Nós vamos decidir quais pontes irão se solidificar e ter muito movimento, e quais permanecerão em esboço e vazias. E os grupos com os quais devemos nos relacionar serão aqueles que proporcionarem maior apoio à nossa alma e à vida criativa.

Se a mulher trabalha na universidade, ela está num grupo acadêmico. Ela não deve se fundir com qualquer proposta apresentada por esse ambiente coletivo, mas deve, sim, acrescentar-lhe sua própria contribuição especial. Como criatura inteira que é, a menos que tenha outras criações fortes na sua vida para contrabalançar isso, ela não pode permitir se transformar numa pessoa rabugenta e preconceituosa do tipo que “faz seu trabalho, vai para casa, volta para o trabalho...” Se a mulher tenta fazer parte de uma organização, associação ou família que deixe de examiná-la para ver do que ela é feita, que deixe de se perguntar o que faz essa pessoa funcionar e que não se esforce para desafiá-la ou incentivá-la de nenhum modo positivo... sua capacidade de prosperar e criar fica reduzida. Quanto piores as circunstâncias, mais empurrada ela será na direção de uma terra estéril onde foi espalhado sal para que nada ali crescesse.

A separação da vida e da mente de uma mulher de um pensamento coletivo nivelador e o desenvolvimento dos seus talentos exclusivos estão entre as realizações mais importantes que a mulher pode alcançar, pois esses atos impedem que tanto a psique quanto a alma caiam na escravidão. Uma cultura que promova genuinamente o desenvolvimento individual não pode jamais ter uma classe de escravos de qualquer grupo ou sexo.

Contudo, na história, a menina aceita os valores áridos

da velha senhora. A menina torna-se, assim, braba, por passar de um estado natural para um de cativoiro. Logo, ela será lançada na loucura dos diabólicos sapatos vermelhos, mas já sem seus sentidos inatos e incapaz de perceber o perigo.

Se nos afastarmos da nossa vida real e pulsante e entrarmos na carruagem dourada da velha senhora sem vida, estaremos na verdade adotando a *persona* e as ambições dessa frágil perfeccionista. Então, como todo animal em cativoiro, caímos numa tristeza que leva a uma anseio obsessivo, muitas vezes caracterizado como uma inquietação sem nome. Daí em diante, corremos o risco de nos agarrar à primeira coisa que promete fazer com que voltemos a nos sentir vivas.

É importante que mantenhamos os olhos abertos e que consideremos com cuidado as ofertas de uma existência mais fácil, de uma estrada sem problemas, especialmente se nos for pedido em troca que entreguemos a nossa própria alegria criadora a um forno crematório em vez de aquecê-la num fogo criado por nós mesmas.

Armadilha nº 3: A queima do tesouro, hambre del alma, a fome da alma

Existe o fogo que acompanha a alegria, e o fogo que acompanha a destruição. Um é o fogo da transformação; o outro, o fogo apenas da dizimação. No entanto, muitas mulheres renunciam aos seus sapatos vermelhos e concordam em se tornar limpas demais, educadas demais, submissas demais à visão de mundo das outras pessoas. Estamos entregando nossos alegres sapatos vermelhos ao fogo destrutivo quando digerimos valores, propagandas e filosofias por atacado, incluindo-se aí as de natureza psicológica. Os sapatos vermelhos são reduzidos a cinzas quando pintamos, atuamos, escrevemos, agimos e somos de qualquer modo que diminua as nossas vidas, que enfraqueça a nossa visão, que alquebre os ossos do nosso espírito.

É então que a vida da mulher é dominada pela palidez porque ela está com *hambre del alma*; é uma alma faminta. Tudo o que ela quer é ter de volta sua vida profunda. Tudo o que ela quer é aquele par de sapatos vermelhos feitos à mão. A enorme alegria que eles representam poderia ter sido extin-

ta no fogo da falta de uso ou no da desvalorização do nosso próprio trabalho. Eles também poderiam ter ardido nas chamas do silêncio que impomos a nós mesmas.

Uma quantidade excessiva de mulheres fez um voto terrível anos antes de serem capazes de um melhor discernimento. Ainda jovens, faltaram-lhes o apoio e o estímulo básicos; e assim, cheias de mágoa e resignação, elas pousaram suas canetas, calaram sua voz, desligaram seu canto, enrolaram suas telas e juraram nunca mais voltar a tocar neles. A mulher que esteja em condições semelhantes entrou, sem perceber, no forno junto com a vida da sua própria criação. Sua vida fica reduzida a cinzas.

É possível que a vida de uma mulher defina no fogo do ódio a si mesma, pois os complexos corroem fundo e, pelo menos por algum tempo, conseguem manter a mulher afastada do trabalho ou da vida que realmente importam para ela. Muitos anos se passam sem que ela ande, se mexa, aprenda, descubra, obtenha, assuma, sem que se transforme.

A imagem que a mulher cria para sua própria vida também pode ser destruída pelas chamas da inveja de outra pessoa ou pela simples atitude destrutiva dessa pessoa para com ela. Não se espera que a família, os conselheiros, professores e amigos sejam destrutivos mesmo quando sentem inveja, mas a verdade é que alguns deles decididamente são destrutivos, tanto de formas sutis quanto de formas não tão sutis. Nenhuma mulher pode permitir que sua vida criativa fique suspensa por um fio enquanto ela presta serviço a um amigo, mestre, pai ou parceiro num relacionamento amoroso, que não lhe seja propício.

Quando a vida da alma de uma pessoa fica reduzida a cinzas, a mulher perde seu tesouro vital e começa a agir com a aridez da morte. No seu inconsciente, o desejo pelos sapatos vermelhos, por uma alegria imensa, não só continua, mas cresce, transborda, acaba conseguindo se equilibrar nos próprios pés e domina a mulher, faminto e brabo.

Viver no estado de *hambre del alma*, de alma faminta, é sentir uma fome insaciável. Nessa situação, a mulher arde de fome por qualquer coisa que a faça voltar a se sentir viva. A mulher que foi capturada não sabe o que fazer e aceita alguma coisa, qualquer coisa, que lhe pareça semelhante ao tesou-

ro original, seja para o seu bem ou não. A mulher que foi privada da sua verdadeira vida da alma pode dar a impressão de estar "limpa e penteada", mas por dentro ela está repleta de dezenas de mãos que imploram e de bocas vazias.

Nesse estado, ela aceita qualquer alimento independente das suas condições e dos seus efeitos porque está tentando compensar perdas anteriores. No entanto, mesmo que essa seja uma situação terrível, o Self selvagem insiste em tentar nos salvar. Ele sussurra, geme, chama, arrasta nossas carcaças descarnadas de um lado para o outro nos nossos sonhos até que nos conscientizemos da nossa condição e tomemos medidas no sentido de resgatar o tesouro.

Podemos entender melhor a mulher que se afunda em excessos — sendo os mais comuns as drogas, o álcool e relacionamentos prejudiciais — e cuja força propulsora é a fome da alma, com a observação do comportamento do animal esfaimado e voraz. Como a alma faminta, o lobo sempre foi descrito como um ser perverso, devorador, que ataca os inocentes e os desprotegidos, que mata por matar, que nunca sabe quando parar. Como se pode ver, o lobo tem uma reputação péssima e imerecida tanto nos contos de fadas quanto na vida real. Na verdade, os lobos são animais sociais dedicados. A matilha como um todo é organizada instintivamente de modo que os lobos saudáveis matem apenas o que for necessário para a sobrevivência. É somente quando algum trauma atinge um lobo isolado ou a matilha como um todo que esse padrão normal se relaxa ou se altera.

Existem duas circunstâncias nas quais o lobo mata desenfreadamente. Nos dois casos, ele não está bem. Ele pode matar indiscriminadamente quando está doente de raiva ou cinomose. Ele pode, também, matar indiscriminadamente após um período excessivo de fome. A idéia de que a fome pode mudar o comportamento dos seres vivos tem grande significado para as mulheres de alma faminta porque, em nove entre dez casos, a mulher com um problema espiritual/psicológico que a faz cair em armadilhas e se machucar seriamente é uma mulher cuja alma está sendo atualmente, ou foi no passado, submetida à fome.

Entre os lobos, a fome ocorre quando há fortes nevascas e é impossível chegar à caça. O cervo e o caribu funcionam

como limpa-neves. Os lobos seguem as trilhas que eles abrem na neve alta. No entanto, quando o cervo fica preso por nevascas pesadas, essa limpeza pára, e os lobos também ficam sem ter rastros a seguir. A conseqüência é a fome. Para os lobos, a época mais propícia aos perigos da fome é o inverno. Para a mulher, a fome pode surgir a qualquer hora, vinda de qualquer lugar, até mesmo da sua própria cultura.

Para o lobo, a fome geralmente termina na primavera, quando a neve começa a derreter. Depois de passar fome, a matilha pode se entregar a uma matança desenfreada. Seus integrantes não comem a maior parte da caça morta, nem a escondem. Eles simplesmente a abandonam. Matam muito mais do que jamais conseguiriam comer, muito mais do que jamais precisariam.³ Um processo semelhante ocorre quando uma mulher foi capturada e submetida à fome. De repente, sentindo-se livre para ir e vir, fazer e ser, ela corre o risco de se entregar a excessos irresponsáveis... e de se sentir no direito de fazê-lo. A menina no conto de fadas também crê ter o direito de acesso aos perigosos sapatos vermelhos a qualquer custo. Há algo na fome que nos priva do raciocínio.

Portanto, quando o tesouro da vida mais profunda da mulher foi reduzido a cinzas, em vez de ter a motivação da expectativa, ela se vê possuída pela voracidade. Se não se permitia, por exemplo, que a mulher esculpisse, ela de repente pode começar a esculpir dia e noite, perdendo horas de sono, privando de alimento seu corpo inocente, prejudicando sua saúde e sabe-se lá mais o quê. Pode ser que ela não consiga ficar acordada nem mais um segundo. Recorre, então, às drogas... pois quem sabe quanto tempo ainda irá continuar livre?

Hambre del alma também implica a privação dos atributos da alma: a criatividade, a percepção sensorial e outros dons instintivos. Se uma mulher tem de ser bem-educada e só se senta com os joelhos bem juntinhos; se ela foi criada de modo a baixar a cabeça diante da linguagem grosseira; se nunca lhe foi permitido beber nada a não ser leite pasteurizado... quando ela se liberar, cuidado! De repente, pode não haver quantidade de gim que sacie sua sede; ela pode se esparramar como um marinheiro embriagado; e seus palavrões podem fazer soltar a tinta das paredes. Depois da fome, vem o medo de que um dia desses voltemos a ser capturadas. Por isso, vamos aproveitar enquanto é tempo.⁴

A aniquilação através de excessos, ou seja, os comportamentos exagerados, é a reação da mulher que está faminta por uma vida que tenha significado e faça sentido para ela. Quando uma mulher passou longos períodos sem seus ciclos ou sem suprir suas necessidades criativas, ela começa a se exceder — seja no que for —: álcool, drogas, raiva, espiritualidade, opressão generalizada, promiscuidade, gravidezes, estudo, criação, controle, instrução, organização, forma física, comidas pouco saudáveis, para citar apenas algumas áreas em que os excessos são comuns. Quando a mulher age assim, ela está procurando compensar a perda dos ciclos regulares de expressão de si mesma, expressão da alma, da satisfação da alma.

A mulher faminta resiste a muitos períodos de privação. Ela pode planejar escapar e, não obstante, considerar alto demais o preço da fuga, acreditando que ela lhe exigirá muita libido, muita energia. A mulher pode também se sentir despreparada sob outros aspectos, como por exemplo em termos espirituais, econômicos ou da sua própria formação. Infelizmente, a perda do tesouro e a recordação de longas temporadas de privação podem nos levar a racionalizar que os excessos são desejáveis. E é claro que é um imenso alívio e prazer conseguir finalmente apreciar uma sensação... qualquer sensação.

A mulher recém-liberta da fome só quer gozar a vida, para variar. Suas percepções embotadas no que diz respeito aos limites financeiros, espirituais, físicos, racionais e emocionais necessários para a sobrevivência colocam em risco sua existência. Para ela, há em algum lugar um belo e perigoso par de sapatos vermelhos. Ela os apanhará onde os encontrar. É esse o problema da privação. Se alguma coisa der a impressão de preencher o anseio, a mulher a agarrará, sem fazer perguntas.

Armadilha nº 4: Danos aos instintos básicos, a consequência do cativo

Os instintos são algo difícil de definir, pois suas configurações são invisíveis e, embora pressintamos que eles fazem parte da natureza humana desde o início dos tempos, ninguém sabe precisamente onde eles se localizariam em termos neurológicos nem de que modo exato eles nos influenciam. À luz da psico-

logia, Jung propôs que os instintos seriam derivados do inconsciente psicóide, aquela camada da psique na qual a biologia e o espírito talvez se encontrem. Depois de muito refletir, sou da mesma opinião, e me arriscaria a propor que o instinto criador, em especial, tanto é a expressão lírica do Self quanto a simbologia dos sonhos.

Etimologicamente, a palavra *instinto* deriva do latim *instinguere*, que significa incitar ou induzir uma inspiração inata, bem como de *instinctus*, que significa “impulso”. A idéia do instinto pode ser valorizada como alguma coisa interna que quando mesclada com a previsão e a consciência, orienta os seres humanos no sentido de um comportamento integral. A mulher nasce com todos os instintos intactos.

Embora pudéssemos dizer que a menina da história foi arrastada para um ambiente novo, ambiente no qual sua falta de polimento é corrigida e as dificuldades eliminadas da sua vida, na realidade seu processo de individualização pára, seu esforço no sentido do desenvolvimento é interrompido. E, quando a velha senhora, uma presença inibidora, considera a obra do espírito criador um lixo, em vez de um bem, e queima os sapatos vermelhos, a menina fica mais do que calada. Ela se entristece, que é o estado esperado quando o espírito criativo é isolado da vida profunda natural. Pior que isso, o instinto da criança para fugir dessa aflição fica embotado a ponto de desaparecer. Em vez de ter como objetivo uma nova vida, ela fica presa numa poça de cola psíquica. A recusa a tentar fugir, quando essa atitude é plenamente justificada, causa a depressão. Mais uma armadilha.

Chamem a alma do que quiserem — a união com o lado selvagem, a esperança no futuro, uma corrente de energia, a paixão pela criação, um jeito de ser, de fazer, o ser amado, o noivo selvagem, a “pluma pousada no sopro de Deus”.⁵ Quaisquer que sejam as palavras ou imagens que empreguemos para descrever esse aspecto da nossa vida, foi ele que foi capturado. É por isso que o espírito da psique fica tão desolado.

Em estudos a respeito da vida de diversas espécies de animais selvagens em cativeiro, foi descoberto que, independente do carinho com que foram construídos os seus ambientes nos zoológicos, independente do amor, realmente verdadeiro, dos seus tratadores, muitas vezes os animais tornam-se incapazes

la vizinhança por ouvir *jazz* e gostar de escalar uma formação rochosa fora da cidade para ficar lá cantando com seus amigos. Quando afinal fugiu para o mundo dos *blues*, era uma pessoa tão carente que não sabia mais dizer quando era a hora de parar. Ela não tinha limites no que dizia respeito a sexo, bebidas ou drogas.⁸

Há algo em Bessie Smith, Anne Sexton, Edith Piaf, Marilyn Monroe e Judy Garland que apresenta o mesmo padrão de instintos prejudicados pela fome da alma: a tentativa de “se ajustar”, a tendência à intemperança, a impossibilidade de parar.⁹ Poderíamos trazer uma longa relação de mulheres talentosas de instintos feridos que, num estado de vulnerabilidade, fizeram escolhas infelizes. Como a criança da história, todas elas perderam seus sapatos feitos à mão em algum ponto do caminho e de algum modo chegaram aos perigosos sapatinhos vermelhos. Todas elas estavam cheias de mágoa por ansiarem por alimento para o espírito, por histórias para a alma, por vaguear naturalmente por aí, por enfeites que se adequassem às suas próprias necessidades, pelo aprendizado de Deus e por uma sexualidade simples e sã. No entanto, distraídas, elas escolheram os sapatos amaldiçoados — crenças, atos, idéias que fizeram com que sua vida se deteriorasse cada vez mais — que as transformaram em espectros a dançar loucamente.

Não se pode subestimar o dano causado aos instintos como raiz do problema quando as mulheres parecem estar loucas, são possuídas por uma obsessão ou quando estão presas a modelos menos maléficos mas, ainda assim, destrutivos. A recuperação do instinto ferido começa com o reconhecimento de que a captura ocorreu, de que uma fome da alma se seguiu, de que os limites normais de *insight* e proteção foram perturbados. É preciso reverter o processo que causou a captura da mulher e a conseqüente fome. Antes de mais nada, porém, muitas mulheres passam pelos estágios que se seguem, como está descrito na história.

Armadilha nº 5: A tentativa de ocultar uma vida secreta, a divisão

Nesse segmento da história, a menina está para ser crismada e é levada ao sapateiro para comprar sapatos novos. O tema

da crisma é um acréscimo relativamente moderno à história. Em termos arquetípicos, é provável que “Os sapatinhos vermelhos” seja um fragmento extremamente alterado de uma história ou mito muito mais antigo que tratava do surgimento da menarca e da passagem para uma vida menos protegida pela mãe, já que a jovem teria aprendido na infância com mulheres mais velhas do que ela a ficar alerta para o mundo concreto e a reagir a ele.¹⁰

Diz-se que nas antigas culturas matriarcais da Índia, do Egito, de partes da Ásia e da Turquia — que parecem ter influenciado o nosso conceito da alma feminina por milhares de quilômetros em todas as direções — a transmissão da *henna* e de outros pigmentos vermelhos às mocinhas, para que pudessem tingir os pés com eles, era uma característica fundamental dos ritos de passagem.¹¹ Um dos ritos de passagem mais importantes tratava da primeira menstruação. Esse rito celebrava a travessia da infância para a profunda capacidade de gerar vida no próprio ventre, de dispor do poder sexual resultante e de todos os poderes femininos periféricos. A cerimônia apresentava o sangue em todos os seus estágios: o sangue uterino da menstruação, o do parto, o do aborto, todos escorrendo na direção dos pés. Como se pode ver, os sapatos vermelhos originais eram plenos de significado.

A referência ao dia do sacramento da crisma é também um acréscimo mais recente. Trata-se de uma festa cristã que, na Europa, acabou por superar os festejos do solstício de inverno da antiga cultura pagã. Durante as festividades pagãs, mais antigas, as mulheres praticavam a purificação ritual do corpo feminino e da alma/espírito feminino numa preparação para uma nova vida, tanto figurativa quanto literal, na primavera que viria. Esses ritos podiam conter o lamento grupal pelas perdas nos partos,¹² incluindo-se a morte de um filho, o aborto natural, o parto de natimortos, o aborto provocado e outros acontecimentos importantes na vida sexual e reprodutiva do ano anterior.¹³

Nesse momento na história, ocorre um dos episódios mais reveladores da repressão psíquica. O voraz desejo da criança pela alma destrói as trancas do seu comportamento reprimido. Na sapataria, ela faz passar os estranhos sapatos vermelhos sem que a velha senhora note. Uma fome devoradora pe-

la vida da alma veio à tona na sua psique, apanhando qualquer coisa que lhe caia nas mãos, pois ela sabe que logo voltará a ser reprimida.

Essa explosiva “ocultação” psicológica ocorre quando a mulher reprime grande parte do self, empurrando-o para locais sombrios na psique. Segundo a psicologia analítica, a repressão de sentimentos, instintos e impulsos tanto negativos quanto positivos, forçando-os para o fundo do inconsciente, faz com que eles ocupem o reino da sombra. Embora o ego e superego continuem tentando censurar os impulsos da sombra, a própria pressão causada por essa repressão se assemelha muito a uma bolha na lateral de um pneu. Com o tempo, à medida que o pneu gira e se aquece, a pressão por trás da bolha aumenta e provoca uma explosão, que libera todo o ar do seu interior.

A sombra age de modo semelhante. É por isso que uma pessoa extremamente sovina pode surpreender a todos contribuindo de repente com milhões de dólares para um orfanato. Ou é por isso que uma pessoa normalmente simpática é capaz de ter um ataque e agir momentaneamente como um rojão enlouquecido. Concluimos que, quando se abre um pouco a porta para o reino da sombra e se permite que vários elementos saiam, aos poucos, para que nos relacionemos com eles, que descubramos uso para eles, que negociemos com eles, podemos reduzir a chance de sermos surpreendidas por ataques e explosões inesperadas dali provenientes.

Embora os valores possam mudar de uma cultura para a outra, colocando, assim, “negativos” e “positivos” diferentes no reino das sombras, impulsos típicos que são considerados negativos e, portanto, relegados às trevas são aqueles que estimulam a pessoa a roubar, a enganar, a assassinar, a agir com excesso de diversas maneiras, e assim por diante nessa mesma linha. Os aspectos negativos da sombra costumam ser estranhamente interessantes e, ainda assim, de natureza entrópica, roubando o equilíbrio e a serenidade na disposição e na vida de indivíduos, relacionamentos e grupos maiores.

A sombra pode, porém, conter aspectos divinos, exuberantes, belos e poderosos da individualidade. Para as mulheres, especialmente, o mundo sombrio quase sempre contém modos refinados de ser que são proibidos na sua cultura ou que

nela recebem pouco apoio. No fundo do poço da psique de muitas mulheres está a criadora visionária, a astuta reveladora da verdade, a vidente, a que pode falar bem de si mesma sem se censurar, que pode se encarar sem repulsa, que se esforça para aperfeiçoar seu talento. Os impulsos positivos ocultos nas sombras da nossa cultura na maioria das vezes estão relacionados à permissão para que a mulher crie uma vida própria, feita à mão.

Esses aspectos rejeitados, desvalorizados e “inaceitáveis” da alma e do self não ficam simplesmente ali parados nas trevas, mas conspiram para decidir quando e como farão uma tentativa para alcançar a liberdade. Eles borbulham ali no inconsciente, em fervilhante ebulição, até que um dia, não importa se a tampa que os cobre esteja bem fechada ou não, explodem em todas as direções num caudal descontrolado e com vontade própria.

Nessas circunstâncias, como dizem no interior, é como tentar pôr dez quilos de lama num saco de cinco quilos. O que irrompeu das trevas é difícil de ser controlado depois da explosão. Embora tivesse sido muito melhor ter descoberto um meio de vivenciar a alegria proporcionada pelo espírito criativo de modo pleno e consciente, do que tê-la enterrado, às vezes a mulher fica contra a parede, e é esse o resultado.

A vida sombria ocorre quando escritoras, pintoras, bailarinas, mães, cientistas, místicas, estudantes ou artífices param de escrever, de pintar, de dançar, de cuidar dos filhos, de pesquisar, observar, aprender, praticar. Elas podem parar porque aquilo a que dedicaram tanto tempo não saiu como esperavam, não obteve o reconhecimento merecido ou por inúmeras outras razões. Quando quem cria pára pelo motivo que seja, a energia que chega naturalmente a ela é desviada para o mundo oculto, a partir do qual ela vem à tona quando e onde consegue. Como a mulher percebe que não pode se dedicar abertamente aquilo que deseja, ela começa a levar uma estranha vida dupla, simulando um comportamento à luz do dia, agindo de outro modo quando tem a oportunidade.

Quando a mulher começa a arrumar a sua vida para que caiba inteira num pequeno embrulho bem-feito, tudo o que consegue é forçar toda a sua energia vital para o lado da sombra. “É, estou bem”, diz essa mulher. Olhamos para ela do

outro lado do quarto ou no espelho. Sabemos que não está bem. Um dia, de repente, alguém nos diz que ela se juntou com um tocador de flautim e fugiu para Tippicanoe para tomar conta de um cassino. Ficamos nos perguntando o que aconteceu porque sabemos que ela detesta flautins e sempre quis ir morar nas ilhas gregas, não em Tippicanoe, e nunca chegou a mencionar uma palavra sequer a respeito de cassinos.

À semelhança de Hedda Gabler na peça de Henrik Ibsen, a mulher selvagem pode fingir que leva uma “vida normal” enquanto range os dentes, mas há sempre um preço a ser pago. Hedda esconde uma vida perigosa e apaixonada, brincando com um ex-amante e com a Morte. Por fora, ela parece se contentar em usar chapéus e ouvir seu marido insípido reclamar da monotonia da vida. A mulher pode ser educada e até mesmo cínica por fora, enquanto sofre de uma hemorragia interna.

Ou ainda, como Janis Joplin, a mulher pode tentar se adequar até não conseguir agüentar mais; e então sua natureza criativa, corroída e revoltada por ter sido forçada a mergulhar nas sombras, entra em violenta erupção, rebelando-se contra os dogmas da “educação” com atitudes irresponsáveis que desdenham seu próprio talento e sua própria vida.

Pode-se dar o nome que se quiser, mas ter uma vida secreta porque a vida real não tem espaço suficiente para vicejar é prejudicial à vitalidade da mulher. Mulheres famintas e em cativeiro escondem todo o tipo de coisa: músicas e livros proibidos, amizades, sensações sexuais, sentimentos religiosos. Elas escondem pensamentos furtivos, sonhos de revolução. Elas roubam tempo dos seus parceiros e das suas famílias. Escondem dentro de casa um tesouro. Tiram furtivamente o tempo para escrever, para pensar, para a alma. Elas escondem um espírito no quarto de dormir; um poema antes do trabalho; um carinho ou um abraço quando ninguém está olhando.

Para escapar desse caminho polarizado, a mulher tem de abandonar a simulação. Esconder uma vida interior falsa nunca funciona. Ela sempre explode pela lateral do pneu, quando menos esperamos. E aí, é a desgraça para todos. É melhor que despertemos, que nos levantemos, por mais caseira que seja nossa plataforma, e vivamos com a maior intensidade possível, da melhor maneira possível, deixando de lado a oculta-

ção de falsos substitutos. Esperemos pelo que seja realmente significativo e saudável para nós.

Na história, a menina consegue fazer passar os sapatos pela velha senhora de pouca visão. Nesse ponto afirma-se que o próprio sistema de valores rígido e perfeccionista não possui a capacidade de ver bem, de estar alerta para o que acontece ao seu redor. É típico da psique ferida, assim como da cultura nas mesmas condições, não perceber a aflição pessoal do self. E assim a jovem faz mais uma escolha infeliz em meio a uma série de outras.

Partamos do pressuposto de que seu primeiro passo para o cativo, a entrada na carruagem dourada, tenha sido fruto da ignorância. Digamos que o abandono da sua própria criação tenha sido irrefletido, mas característico de quem não tem experiência de vida. Agora, porém, ela quer aqueles sapatos na vitrina do sapateiro e, paradoxalmente, esse impulso em busca de uma nova vida é certo e apropriado, mas a verdade é que ela passou muito tempo na casa da velha senhora e, por isso, seus instintos não dão o alarme quando ela escolhe esse perigo mortal. Na realidade, o sapateiro conspira com a menina. Ele pisca e sorri com a sua triste opção. Juntos eles fazem passar os sapatos, sem que a velha perceba.

As mulheres iludem-se dessa forma. Elas jogaram fora o tesouro, qualquer que ele pudesse ter sido, mas ficam escondendo coisinhas ínfimas sempre que podem. Será que elas escrevem? Escrevem, mas em segredo. E, assim, não têm apoio, nem *feedback*. A estudante universitária está procurando se superar? Está, mas sozinha, de tal modo que não pode obter ajuda ou orientação. É o que dizer da mulher ambiciosa que finge não o ser, mas que tem uma dedicação sincera a realizações para si mesma, para sua gente, seu mundo? Ela tem sonhos vigorosos, mas se limita a continuar lutando em silêncio. É fatal não ter uma confidente, não ter um guia, não ter nem mesmo uma torcida ínfima.

É difícil ocultar fragmentos de vida desse jeito, mas as mulheres o fazem todos os dias. Quando a mulher se sente obrigada a viver às ocultas, ela está pondo para funcionar um modo de subsistência mínima. Ela oculta a vida para que "eles" não ouçam, quem quer que "eles" sejam na sua vida. Superficialmente, ela aparenta desinteresse e tranquilidade mas, sempre

que surge uma réstia de luz, sua alma esfaimada dá um salto, persegue a forma de vida mais próxima, alegra-se, dá coices, avança loucamente, dança como uma boba, fica exausta e depois tenta se esgueirar de volta à cela sombria antes que alguém perceba sua ausência.

As mulheres infelizes no casamento agem assim. As mulheres forçadas a se sentirem inferiores agem assim. As mulheres cheias de vergonha, as que temem ser punidas, expostas ao ridículo ou à humilhação agem assim. As mulheres com instintos feridos agem assim. Esconder o que se faz só é bom para a mulher no cativeiro se ela esconder o que for certo, só se o que ela esconder for exatamente o que a levará à libertação. No fundo, o ato de esconder fragmentos de vida que sejam corajosos, benéficos e que dêem satisfação faz com que a alma fique ainda mais determinada a erradicar a mentira para ter a liberdade de viver a vida abertamente como bem lhe aprouver.

Vejam. Há algo na alma selvagem que não nos permite sobreviver para sempre com migalhas. Porque na realidade é impossível para a mulher que luta pela conscientização respirar um pouquinho de ar puro e se contentar com isso só. Lembre-se de quando você era criança e descobriu que era impossível cometer suicídio prendendo a respiração? Embora você procure continuar só com um pouquinho de ar ou sem ar nenhum, os seus pulmões parecem querer gritar, e alguma força impetuosa e imperativa faz com que você acabe inspirando o máximo de ar possível. Você sorve o ar, você o engole, até voltar a respirar normalmente.

Felizmente existe um mecanismo semelhante na alma/psique. Ele nos domina e nos força a respirar fundo o ar puro. Na realidade, sabemos que não podemos subsistir de verdade se sorvermos a vida em goles mínimos. A força selvagem na alma da mulher exige que ela tenha acesso a tudo. E assim podemos ficar em estado de alerta e assimilar tudo o que for certo para nós.

Na história, o sapateiro é um prenúncio do velho soldado, que mais tarde transmite vida aos sapatos que dançam até enlouquecer quem os calça. Há muitos pontos coincidentes entre esse personagem e o que sabemos da simbologia antiga para que o consideremos um mero espectador. O predador natural no interior da psique (e também aquele pertencente à cul-

tura) é um mutante, uma força capaz de se disfarçar, da mesma forma que as armadilhas, arapucas e iscas envenenadas são disfarçadas para seduzir os desavisados. Devemos levar em consideração que ele transforma em brincadeira o ato de enganar a velha senhora.

Não, é provável que ele seja cúmplice do soldado, que é obviamente uma descrição do diabo disfarçado.¹⁴ Nos velhos tempos, o diabo, o soldado, o sapateiro, o corcunda e outros eram imagens usadas para retratar as forças negativas tanto na natureza da terra quanto na natureza humana.¹⁵

Embora pudéssemos sentir um orgulho justificado da alma com coragem suficiente para tentar apanhar secretamente alguma coisa, qualquer coisa, sob circunstâncias de tamanha carência, a verdade é que essa atitude por si só não pode ser o único aspecto da questão. Uma psicologia abrangente deve incluir não só o corpo, a mente e o espírito, mas também, e de modo idêntico, a cultura e o ambiente. A partir dessa perspectiva, é preciso que perguntemos a cada estágio como acabou acontecendo que qualquer mulher específica tenha a sensação de precisar ser servil, retrair-se, humilhar-se e implorar por uma vida que, para começo de conversa, já lhe pertence. Um exame das pressões criadas em cada camada do mundo objetivo e do subjetivo irá evitar que a mulher imagine ser uma opção construtiva apanhar em segredo os sapatinhos do diabo.

Armadilha nº 6: O recuo diante do coletivo, a rebelião na sombra

A menina calça os sapatos vermelhos às escondidas, vai até a igreja, não presta nenhuma atenção ao alvoroço ao seu redor, é desprezada pela comunidade. Os habitantes da aldeia a denunciam. Ela é repreendida. Os sapatos vermelhos são retirados. É, porém, tarde demais. Ela foi fisgada. Não se trata ainda de uma obsessão, mas a questão é que o coletivo inspira e reforça sua fome interna ao exigir que ela capitule diante de seus valores estreitos.

Pode-se tentar levar uma vida secreta, mas mais cedo ou mais tarde o superego, um complexo negativo e/ou a própria cultura a atacarão. É difícil esconder algo proibido que lhe inspira voracidade. É difícil ocultar prazeres furtivos mesmo quando eles não são benéficos.

Quando a mulher se recusa a dar apoio à coletividade árida, ela está se recusando a reprimir seu raciocínio selvagem, e seus atos seguem o mesmo caminho. A história dos sapatinhos vermelhos na sua essência nos ensina que a psique selvagem precisa ser devidamente protegida — através de uma inequívoca valorização de nós mesmas, com uma defesa veemente dos seus interesses, com uma recusa a se submeter a situações psíquicas pouco saudáveis. Aprendemos, também, que o lado selvagem, por sua energia e beleza, está *sempre* na mira de alguém, de alguma instituição, de algum grupo, seja com o objetivo de transformá-lo em troféu, seja com o objetivo de submetê-lo a limitação, alteração, domínio, eliminação, reformulação ou controle. O lado selvagem precisa sempre de um guarda junto ao portão, ou poderá ser utilizado para fins impróprios.

Quando o coletivo é hostil à vida natural da mulher, em vez de aceitar os rótulos desrespeitados ou pejorativos que lhe são aplicados, ela pode e deve, como o patinho feio, resistir, agüentar e procurar aquilo a que ela pertence — e preferivelmente sobreviver a quem a rejeitou, vicejando e criando mais do que eles.

O problema com a menina dos sapatinhos vermelhos está em que ela, em vez de se fortalecer para a luta, está na terra dos sonhos, encantada pela sedução daqueles sapatos vermelhos. O que há de mais importante na rebeldia é a forma que ela assume para ser eficaz. O fascínio da menina pelos sapatinhos vermelhos na realidade impede uma rebeldia significativa, uma que promova a mudança, que transmita uma mensagem, que provoque um despertar.

Eu gostaria de poder afirmar que a esta altura não existem mais todas essas armadilhas para as mulheres, ou que elas já estão tão calejadas que detectam essas armadilhas de longe. No entanto, isso não acontece. Nós ainda temos o predador na nossa cultura, e ele ainda tenta sabotar e destruir toda a conscientização e todas as tentativas de alcançar a totalidade. Há uma grande verdade no ditado de que é preciso batalhar de novo pela liberdade a cada vinte anos. Às vezes, a impressão é de que é preciso lutar por ela a cada cinco minutos.

No entanto, a natureza selvagem nos ensina que devemos enfrentar os desafios à medida que eles se apresentam. Quan-

do os lobos são atormentados, eles não saem dizendo, “Ah, não! *De novo!!!*” Eles saltam, investem, correm, desaparecem, fingem-se de mortos, pulam na garganta do agressor, fazem o que tiver de ser feito. Portanto, não podemos ficar escandalizadas com a existência de entropia, deterioração, tempos difíceis. É preciso compreender que as armadilhas preparadas para capturar a alegria da mulher irão sempre se alterar e mudar de aparência, mas na nossa própria natureza selvagem nós iremos encontrar a energia absoluta, a libido exigida por todos os atos de coragem que forem necessários.

Armadilha nº 7: A simulação, a tentativa de ser boa, a trivialização do anormal

Segundo a história, a menina é punida por usar os sapatos vermelhos para ir à igreja. Agora, embora ela fique olhando para os sapatos no alto da prateleira, ela não os toca. Até então ela tentou sem sua vida profunda, o que não funcionou. Em seguida, ela tentou ocultar uma vida dupla, o que também não funcionou. Agora, num último recurso, ela “tenta ser boazinha”.

O problema com a decisão de “ser boazinha” está em que essa atitude não resolve a questão sombria subjacente, e mais uma vez ela se erguerá como um *tsunami*, como uma onda gigantesca, que desce veloz, destruindo tudo o que estiver à frente. Ao “ser boazinha”, a mulher fecha os olhos a tudo que for empedernido, deformado ou maléfico à sua volta e simplesmente tenta “conviver” com esses aspectos. Seus esforços no sentido de aceitar esse estado anormal prejudicam ainda mais seus instintos selvagens para reagir, mostrar, mudar, combater o que não está certo, o que não é justo.

Anne Sexton escreveu sobre o conto de fadas dos sapatinhos vermelhos um poema a que deu o mesmo título.

I stand in the ring
 in the dead city
 and tie on the red shoes...
 They are not mine.
 They are my mother's.
 Her mother's before.

Handed down like an heirloom
 but hidden like shameful letters.
 The house and the street where they belong
 are hidden and all the women, too,
 are hidden...*

Tentar ser boa, disciplinada e submissa diante do perigo interno ou externo, ou a fim de esconder uma situação crítica psíquica ou no mundo objetivo, elimina a alma da mulher. É uma atitude que a isola do que sabe; que a isola da sua capacidade de agir. Como a criança na história, que não expressa em voz alta suas objeções, que tenta esconder sua privação, que tenta dar a impressão de que nada está dentro dela, as mulheres modernas passam pela mesma perturbação, a trivialização do que é anormal. Esse distúrbio está disseminado em todas as culturas. A trivialização do anormal faz com que o espírito, que em circunstâncias normais saltaria para corrigir a situação, afunde no tédio, na complacência e acabe, como a velha senhora, na cegueira.

Existe um importante estudo que esclarece a perda do instinto de autodefesa nas mulheres. No início da década de 1960, alguns cientistas¹⁶ realizaram experiências com animais para tentar determinar algo a respeito do “instinto de fuga” nos seres humanos. Numa das experiências, eles fizeram uma instalação elétrica na metade direita de uma grande jaula, de modo que um cão preso nela recebesse um choque cada vez que pisasse no lado direito. O cão aprendeu rapidamente a permanecer no lado esquerdo da jaula.

Em seguida, o lado esquerdo da jaula recebeu o mesmo tipo de instalação, que foi desligada no lado direito. O cão logo se reorientou, aprendendo a ficar no lado direito da jaula. Então, todo o piso da gaiola foi preparado para dar choques aleatórios, de tal modo que, onde quer que o cão estivesse parado ou deitado, ele acabaria levando um choque. Ele a princípio aparentou estar confuso e depois entrou em pânico. Fi-

* Estou parada na arena / na cidade morta / e calço os sapatos vermelhos... / Eles não são meus. / São da minha mãe. / Da mãe dela antes. / Passados de mãe para filha como bens da família / mas escondidos como cartas vergonhosas. / A casa e a rua às quais pertencem / estão ocultas e todas as mulheres, também, / estão ocul-

nalmente, o cão desistiu e se deitou, aceitando os choques à medida que surgissem, sem tentar fugir deles ou descobrir de onde viriam.

No entanto, a experiência não estava encerrada. No próximo passo, a jaula foi aberta. Os cientistas esperavam que o cão saísse dali correndo, mas ele não fugiu. Muito embora pudesse abandonar a jaula quando bem entendesse, ele ficou ali deitado recebendo os choques aleatórios. A partir dessa experiência, os cientistas levantaram a hipótese de que, quando um animal é exposto à violência, ele apresentará a tendência a se adaptar a essa perturbação, de tal forma que, quando a violência pára ou ele tem acesso à liberdade, o instinto saudável de fugir é extremamente reduzido, e em vez de escapar o animal fica paralisado.¹⁷

Em termos da natureza selvagem das mulheres, é essa trivialização da violência, assim como o que os cientistas subsequentemente denominaram “aprendizado da impotência”, que não só influencia as mulheres a ficar com parceiros alcoólatras, patrões exploradores e grupos que se aproveitam delas e as importunam, mas também faz com que elas se sintam incapazes de se erguer para apoiar aquilo em que acreditam profundamente: sua arte, seu amor, seu estilo de vida, sua preferência política.

A trivialização do que é anormal, mesmo quando existem claros indícios de que essa atitude seja prejudicial a nós mesmas,¹⁸ aplica-se a todos os maus-tratos infligidos às naturezas instintiva, espiritual, criativa, emocional e física. As mulheres enfrentam essa questão sempre que são desorientadas de modo a fazer qualquer coisa que não seja a defesa da sua vida profunda de projeções invasivas, culturais, psíquicas ou de outra natureza.

Em termos psíquicos, nós nos acostumamos aos golpes dirigidos às nossas naturezas selvagens. Nós nos adaptamos à violência perpetrada contra a natureza selvagem e sábia da psique. Tentamos ser boazinhas enquanto trivializamos o anormal. Perdemos, conseqüentemente, nosso poder de fuga. Perdemos nosso poder de lutar pelos elementos da alma e da vida que mais valorizamos. Quando estamos obcecadas pelos sapatinhos vermelhos, todo tipo de fato importante do ponto de vista cultural, pessoal ou ambiental é deixado de lado.

Há uma tal perda de significado quando renunciamos à vida feita à mão que é permitida toda sorte de danos à psique, à natureza, à cultura, à família e assim por diante. Os danos à natureza são concomitantes com o desnorteamento da psique dos seres humanos. A natureza e a psique não são separadas e não podem ser assim consideradas. Quando um grupo fala nos erros da vida selvagem e um outro grupo alega que a vida selvagem foi, sim, vítima, há algo de radicalmente errado nisso tudo. Na psique instintiva, a Mulher Selvagem contempla do alto a floresta e vê nela um lar para si mesma e para todos os seres humanos. Outros podem, porém, olhar a mesma floresta e imaginá-la sem nenhuma árvore, enquanto seus bolsos estão abarrotados de dinheiro. Essas circunstâncias representam graves fendas na capacidade de viver e deixar viver para que todos possam viver.

Quando eu era menina, na década de 1950, nos primeiros tempos das tragédias industriais destruidoras da Terra, uma barcaça de petróleo afundou na bacia de Chicago do lago Michigan. Depois de um dia na praia, as mães esfregavam seus filhinhos com a força que geralmente reservavam para os pisos de madeira, porque as crianças estavam imundas com manchas de óleo.

O desastre fez vazar uma substância pegajosa que se espalhou numa fina camada, como enormes ilhas flutuantes, tão extensas e largas quanto um quarteirão de cidade. Quando essas "ilhas" colidiam com o cais, elas se partiam em gotículas que afundavam na areia e chegavam à praia por baixo das ondas. Durante anos a fio, os banhistas não podiam nadar sem saírem emporcalhados. Crianças que construíssem castelos na areia de repente escavavam sem querer um punhado de óleo viscoso. Os namorados não podiam mais rolar na areia. Os cães, as aves, a vida aquática e os seres humanos, todos sofreram. Lembro-me de que minha impressão era a de que a minha catedral havia sido bombardeada.

O dano ao instinto, a trivialização do anormal, foi o que permitiu que aquelas mães limpassem as manchas do derramamento de petróleo, e mais tarde, de outros pecados cometidos por fábricas, refinarias e siderúrgicas, da pele dos seus filhinhos, da sua roupa, de dentro do corpo dos seus amados da melhor maneira possível e, embora confusas e preocupa-

das, elas conseguiram efetivamente podar sua raiva justificada. Nem todas, mas a maioria delas já estava acostumada a não ser capaz de interferir em acontecimentos chocantes. Havia punições assustadoras para a quebra do silêncio, para a fuga da jaula, para quem identificasse injustiça, para quem exigisse mudanças.

Podemos concluir, a partir de acontecimentos semelhantes ocorridos durante nossa vida, que, quando as mulheres não falam, quando é insuficiente o número de pessoas a falar, a voz da Mulher Selvagem se cala e, com isso, o mundo também se cala de tudo que é natural e selvagem. Acabam também se calando os lobos, ursos e aves de rapina. Os cantos, danças e criações. O amar, consertar e manter. O ar, a água e as vozes da consciência.

No entanto, naquela época, muito embora as mulheres estivessem todas contaminadas pelo anseio de uma liberdade ilimitada, elas continuavam a passar detergente na louça, a usar produtos cáusticos na limpeza, permanecendo, nas palavras de Sylvia Plath, “atadas às máquinas de lavar roupa Bendix”. Nelas, as mulheres lavavam e enxaguavam suas roupas em água quente demais para o contato com a pele e sonhavam com um mundo diferente.¹⁹ Quando os instintos estão feridos, os seres humanos trivializam uma agressão após a outra, atos de injustiça e destruição que afetam a elas mesmas, à sua prole, aos seres amados, à sua terra e até mesmo aos seus deuses.

Com a recuperação do instinto ferido, rejeita-se essa trivialização do que é revoltante e violento. À medida que o instinto se restaura, a Mulher Selvagem retorna. Em vez de entrar dançando na floresta usando os sapatos vermelhos até que toda a sua vida passe a ficar torturada e desprovida de significado, podemos voltar à vida feita à mão, à vida plenamente atenta, podemos refazer os nossos próprios sapatos, caminhar o nosso caminho, falar a nossa própria fala.

Embora seja verdade que há muito a se aprender com a dissolução das nossas projeções (você é perverso, você me magoa) e com o exame de como somos perversas com nosso próprio self, como magoamos a nós mesmas, definitivamente esse não deveria ser o final da investigação.

A armadilha escondida dentro da armadilha consiste em pensar que tudo está resolvido com a dissolução da projeção

e com a descoberta da conscientização em nós mesmas. Isso às vezes é verdade; e às vezes não. Em vez de aplicar esse paradigma de exclusão — ou há algo de errado lá fora, ou algo de errado comigo — é mais útil aplicar um modelo de acréscimo. Essa é a questão interna, e essa é a questão externa. Esse paradigma permite um exame completo e é muito mais saudável em todos os sentidos. Esse paradigma dá apoio às mulheres para que questionem o *status quo* com confiança e para que não olhem apenas para si mesmas mas também para o mundo que as está pressionando por acaso, inconscientemente ou de propósito. O paradigma do acréscimo não se destina a ser usado como um modelo para atribuir culpa a si mesma ou aos outros, mas é, sim, um meio de avaliar e julgar a responsabilidade, tanto interna quanto externa, e o que precisa ser alterado, procurado, esboçado. Ele impede a fragmentação da mulher que procura restaurar tudo que está ao seu alcance, sem negligenciar suas necessidades e sem se isolar do mundo.

Não se sabe como muitas mulheres conseguem se manter nesse estado, mas elas estão vivendo uma vida pela metade, um quarto de vida ou uma fração ainda mais ínfima. Elas conseguem, mas podem ficar amarguradas até o final dos seus dias. Elas podem se sentir sem esperanças e muitas vezes, como um bebê que chorou e chorou sem que nenhuma ajuda humana se oferecesse, elas podem adotar um silêncio mortal, desesperançado. Seguem-se o cansaço e a resignação. A jaula está trancada.

Armadilha nº 8: A dança descontrolada, a obsessão e a dependência

A velha senhora cometeu três erros de avaliação. Embora no nível do ideal espere-se que ela seja o guardião, o guia da psique, ela está cega demais para ver a verdadeira natureza dos sapatos pelos quais ela própria pagou. Ela é incapaz de perceber que a menina ficou encantada por eles ou mesmo de detectar o caráter do homem de barba ruiva que está esperando perto da igreja.

O velho de barba ruiva tamborilou nas solas dos sapatos da menina, e a vibração dessas cócegas pôs os pés da menina a dançar. Ela dança agora, ah, como dança, só que não con-

segue parar. Tanto a velha senhora, que supostamente deveria agir como guardião da psique, quanto a menina, que deveria exprimir a alegria da psique, estão completamente desvinculadas de todo instinto e bom senso.

A menina já tentou tudo: adaptar-se à velha senhora, não se adaptar, ser dissimulada, “ser boazinha”, perder o controle e sair dançando, dominar-se e tentar voltar a ser boazinha. Nesse ponto, sua terrível privação do espírito e do significado mais uma vez a força a apanhar os sapatinhos vermelhos, a calçá-los e a começar sua última dança, a dança que a levará para o vazio da inconsciência.

Ela trivializou uma vida árida e cruel, instalando, com isso, na sua sombra um anseio ainda maior pelos sapatos da loucura. O homem de barba ruiva transmitiu vida a alguma coisa, mas não à menina: aos sapatos torturantes. A menina começa então a desperdiçar sua vida num redemoinho que, como qualquer tipo de dependência, não gera a abundância, esperança ou felicidade mas, sim, trauma, medo e esgotamento. Para ela não há descanso.

Quando ela tenta entrar rodopiando no adro de uma igreja, há ali um espírito guardião que não lhe permite a entrada. O espírito lança-lhe a seguinte maldição: “Você irá dançar com esses sapatos vermelhos até que fique como uma alma penada, como um fantasma, até que sua pele pareça suspensa dos ossos, até que não sobre nada de você a não ser entranhas dançando. Você irá dançar de porta em porta por todas as aldeias e baterá três vezes a cada porta. E, quando as pessoas espia-rem quem é, verão que é você e temerão que seu destino se abata sobre elas. Dancem, sapatos vermelhos. Vocês devem dançar.” O espírito guardião à encerra, portanto, numa obsessão que é análoga a uma dependência física.

A vida de muitas mulheres criativas seguiu esse modelo. Quando era adolescente, Janis Joplin tentou se adaptar aos costumes da sua cidadezinha. Mais tarde, ela se rebelou um pouco, escalando os morros à noite e cantando lá de cima, andando na companhia de “artistas”. Depois que seus pais foram chamados à escola para dar conta do comportamento da filha, ela começou uma vida dupla, agindo na superfície com modéstia, mas atravessando escondida a fronteira para ouvir jazz. Ela entrou para a universidade, adoeceu gravemente em

virtude da dependência às drogas, “recuperou-se” e tentou levar uma vida normal. Aos poucos, ela voltou a beber, formou uma pequena banda, envolveu-se com drogas e assumiu de vez os sapatos vermelhos. Ela dançou e dançou até morrer de *overdose* aos vinte e sete anos de idade.

Não foi a música, o canto nem a vida criativa finalmente liberada de Janis Joplin que a mataram. Foi a falta de instinto para reconhecer as armadilhas, para saber quando basta, para criar limites para a defesa da saúde e do bem-estar, para entender que os excessos quebram alguns ossinhos psíquicos, depois outros maiores, até que finalmente todo o esqueleto de sustentação da psique cai por terra e a pessoa vira uma massa amorfa em vez de uma força poderosa.

Ela precisava somente de uma sábia imagem interna à qual pudesse se agarrar, um resquício de instinto que durasse até que ela pudesse dar início ao longo trabalho de reformulação do instinto e da percepção íntima. Ela só precisava dar ouvidos à voz selvagem que vive dentro de todas nós, a que susurra, “fique aqui o bastante... fique o tempo necessário para reanimar sua esperança, para abandonar seu sangue-frio terminal, para renunciar a meias-verdades defensivas, para se insinuar, para abrir caminho com precisão ou com violência; fique aqui o suficiente para ver o que é bom para você, para se fortalecer, para fazer aquela tentativa que terá sucesso; fique aqui o suficiente para completar a corrida, não importa quanto tempo demore ou de que forma isso ocorra”.

A dependência

Não é a alegria da vida que mata o espírito da menina na história dos sapatinhos vermelhos; é a sua falta. Quando a mulher não tem consciência da própria privação, das conseqüências do uso de veículos e substâncias mortíferas, ela está dançando, dançando sem parar. Sejam eles o negativismo, os relacionamentos infelizes, as situações de exploração, sejam eles as drogas ou o álcool — eles são como os sapatos vermelhos; é difícil livrar a pessoa deles depois que eles se instalaram.

Nessa dependência compensatória dos excessos, a velha senhora da psique desempenha um papel importantíssimo. Ela foi cega como ela só. Agora adoece. Fica imóvel, deixando um

perfeito vazio na psique. Agora não há mais ninguém para dar uns conselhos à psique desvairada. A velha senhora acaba morrendo mesmo, não deixando absolutamente nenhum local seguro na psique. E a menina dança. A princípio, ela vira os olhos de êxtase mas, logo, quando os sapatos a deixam exausta de tanto dançar, seus olhos viram de horror.

Dentro da psique selvagem estão os instintos de sobrevivência mais ferozes de cada mulher. No entanto, a menos que ela pratique sua liberdade interna e externa com regularidade, a submissão, a passividade e o tempo passado no cativeiro embotam seus dons inatos de visão, de percepção, confiança e outros, aqueles de que ela precisa para ser independente.

A natureza instintiva nos diz quando basta. Ela é prudente e protege a vida. A mulher não pode compensar toda uma vida de traições e mágoas entregando-se a excessos de prazer, de raiva ou de rejeição. Espera-se que a velha senhora na psique marque o tempo, espera-se que ela diga quando. Nessa história, a velha senhora está liquidada, arrasada.

Para nós é às vezes difícil perceber quando estamos perdendo os nossos instintos, pois com muita frequência trata-se de um processo insidioso que não se completa num único dia, mas que se estende por um longo período. Da mesma forma, a perda ou amortecimento do instinto é muitas vezes apoiada pelo ambiente cultural, e ocasionalmente até por outras mulheres que suportam a perda do instinto como um meio de corroborar o fato de pertencerem a uma cultura que não mantém um *habitat* propício à mulher natural.²⁰

A dependência começa quando a mulher perde sua vida feita à mão e cheia de significado e passa a ter uma fixação em resgatar de qualquer forma qualquer coisa que lembre essa vida. Na história, a menina insiste em tentar se reunir aos diabólicos sapatos vermelhos, muito embora eles cada vez mais a façam perder o controle. Ela perdeu seu poder de discriminação, sua capacidade de perceber a verdadeira natureza das coisas. Devido à perda da sua vitalidade original, ela se dispõe a aceitar um substituto fatal. Na psicologia analítica, diríamos que ela abdicou do Self.

A dependência e a ferocidade estão relacionadas. A maioria das mulheres esteve em cativeiro pelo menos por um curto

período, e algumas por um tempo interminável. Algumas só foram livres *in utero*. Todas perdem parte do instinto durante esse período. Em algumas, fica prejudicado o instinto a respeito de quem é uma boa pessoa, e com freqüência essa mulher é induzida ao erro. Em outras, a capacidade de reagir à injustiça se vê radicalmente reduzida, e elas muitas vezes se transformam em mártires relutantes, prontas para a retaliação. Em outras ainda, o instinto de fugir ou enfrentar é enfraquecido, e elas se transformam em vítimas. A lista ainda continua. Por outro lado, a mulher em pleno uso de sua mente selvagem rejeita as convenções que não sejam propícias nem sensatas.

A dependência de substância química é uma verdadeira armadilha. As drogas e o álcool são muito parecidos com um amante violento que nos trata bem a princípio e depois nos espanca; pede desculpas, é gentil por algum tempo e de repente volta a nos espancar. A armadilha consiste em tentar ficar, levando em conta o lado bom, enquanto procuramos ignorar o lado negativo. Isso está errado. Nunca poderia funcionar.

Janis Joplin começou também a realizar os desejos selvagens de outras pessoas. Ela assumiu uma presença arquetípica que os outros não tinham coragem suficiente para assumir. Eles aplaudiam *nela* a rebeldia como se ela pudesse libertá-los sendo selvagem *no lugar deles*.

Janis fez mais uma tentativa de se adequar antes de começar seu longo mergulho no comportamento obsessivo. Ela se juntou às fileiras de outras mulheres vigorosas, porém feridas, que se descobriram funcionando como xamãs para as massas. Elas, também, ficaram exaustas e caíram dos céus. Frances Farmer, Billie Holiday, Anne Sexton, Sylvia Plath, Sara Teasdale, Judy Garland, Bessie Smith, Edith Piaf e Frida Kahlo — é triste que a vida das nossas figuras-modelos de mulheres selvagens e artísticas preferidas tenha terminado de forma trágica e prematura.

Uma mulher braba não tem força suficiente para assumir, no lugar de todo mundo, um arquétipo extremamente almejado sem entrar em colapso. A mulher braba está em processo de cura. Não costumamos pedir a um convalescente que carregue um piano escada acima. A mulher que está voltando precisa ter tempo para se fortalecer.

As pessoas que são apanhadas e levadas pelos sapatos vermelhos sempre começam pensando que qualquer substância da qual estejam dependentes representa uma forma ou outra de salvação. Às vezes isso lhes dá uma sensação de poder fantástico, ou uma falsa sensação de que têm energia para ficar acordadas a noite inteira, para criar até o amanhecer, para ficar sem comer. Ou talvez a dependência permita que elas durmam sem temer demônios internos, acalme seus nervos, ajude a que elas não se importem tanto com tudo aquilo com que tanto se importam ou, talvez, as ajude a não querer mais amar nem ser amada. No entanto, no final das contas, a dependência só cria, como vemos na história, uma paisagem borrada que gira com tal velocidade que no fundo não se está vivendo uma vida de verdade. A dependência²¹ é uma Baba Yaga enlouquecida que devora crianças perdidas e as deixa à porta do carrasco.

Na casa do carrasco

A tentativa de tirar os sapatos, tarde demais

Quando a natureza selvagem quase foi exterminada, nos casos mais extremos, é possível que uma deterioração esquizóide e/ou uma psicose possam dominar a mulher.²² De repente ela pode simplesmente ficar na cama, recusar-se a se levantar, vagar de um lado para outro de roupão, esquecer distraída cigarros acesos, trêz em cada cinzeiro, chorar sem conseguir parar, passear descabelada pelas ruas, abandonar a família de repente para vagar por aí. Ela pode ter tendências suicidas; ela pode se matar acidentalmente ou de propósito. No entanto e muito mais comum é o fato de a mulher simplesmente ficar entorpecida. Ela não se sente nem bem nem mal; apenas não sente nada.

E o que acontece com a mulher quando suas vibrantes cores psíquicas são mescladas? O que acontece quando se misturam o vermelho-escarlata, o azul-safira e o amarelo-topázio? Os pintores sabem. Quando alguém mistura cores vibrantes, o resultado é uma cor chamada lama. Não a lama que é fértil, mas uma lama que é estéril, sem cor, estranhamente pálida, que não emite luz. Quando o pintor cria lama na tela, ele precisa começar tudo de novo.

Essa é a parte difícil; é aí que os sapatos têm de ser arrancados à força. Dói o movimento de se isolar da dependência destrutiva. Ninguém sabe por quê. Seria de se esperar que as pessoas sentissem alívio. Seria de se esperar que elas se sentissem salvas no último instante. Seria de se esperar que elas se alegrassem. Mas não, elas entram em pânico, ouvem dentes rangendo e descobrem que são os seus próprios dentes que fazem esse barulho. Sentem que estão sangrando de certo modo, apesar de não se ver nenhum sangue. No entanto, é essa dor, essa separação, essa situação de não ter em que se afirmar, de não ter uma casa para onde voltar, é exatamente isso que é necessário para recomeçar, para voltar à vida feita à mão, aquela elaborada por nós com cuidado e atenção a cada dia.

É, a dor chega quando a pessoa se vê separada dos sapatinhos vermelhos. Essa separação é, porém, a nossa única esperança. Ela vem repleta de bênçãos incondicionais. Os pés vão crescer de novo; vamos descobrir nosso próprio caminho; vamos nos recuperar; um dia vamos voltar a correr, saltar e pular. Quando isso acontecer, a nossa vida feita à mão estará pronta. Nós a assumiremos e nos encheremos de espanto por termos tido a sorte de ter mais uma oportunidade.

O retorno à vida feita à mão, a cura dos instintos feridos

Quando um conto de fadas termina como esse, com a morte ou a mutilação do protagonista, nós nos perguntamos como o fim poderia ter sido diferente.

Em termos psíquicos, é bom criar um local intermediário, uma estação secundária, um lugar bem-escolhido, quando se escapa da fome. Não é demais tirar um ano ou dois, para avaliar os nossos ferimentos, procurar orientação, ministrar os medicamentos, meditar sobre o futuro. Um ano ou dois é um tempo limitado. A mulher braba é aquela que está tentando voltar. Ela está aprendendo a acordar, a prestar atenção, a parar de ser ingênua, desinformada. Ela apanha a vida nas próprias mãos. Para reaprender os instintos femininos profundos, é essencial, para começar, que se veja como eles foram destituídos.

Quer os danos tenham sido sofridos pela sua arte, pelas suas palavras, estilos de vida e pensamentos, quer pelas suas idéias, e se você tiver tricotado um pulôver de muitas mangas para si mesma, acabe com esse emaranhado e siga adiante. Para além dos anseios e desejos, para além dos métodos cuidadosamente ponderados que adoramos discutir e urdir, há uma simples porta à espera de que a cruzemos. Do outro lado, há pés novos. Vá até lá. Rasteje até lá se for necessário. Pare de falar e de se atormentar. Simplesmente aja.

Não temos controle sobre quem nos põe neste mundo. Não podemos influenciar a fluência com a qual nos criam; não podemos forçar a cultura a se tornar hospitaleira instantaneamente. No entanto, as boas notícias consistem em podermos rever nossas vidas, mesmo depois de feridas, mesmo num estado feroz, mesmo que estejamos no cativeiro.

O projeto psicológico para voltar ao nosso self de direito é o seguinte: tenha extrema prudência e cuidado no sentido de se soltar aos poucos na selva, instalando uma estrutura ética ou de proteção com a qual você tenha acesso a meios para medir se há um excesso de alguma coisa. (Geralmente você já é bastante sensível para detectar quando há falta de alguma coisa.)

Portanto, a volta à psique livre e selvagem deve ser empreendida com ousadia, mas também com ponderação. Em psicanálise, gostamos de dizer que, para que alguém possa realmente ajudar/promover curas, é tão importante aprender o que não fazer quanto o que fazer. A volta ao estado selvagem depois do cativeiro exige as mesmas precauções. Examinemos esse movimento mais de perto.

As armadilhas, arapucas e iscas envenenadas deixadas para a mulher selvagem são específicas à sua cultura. Relacionei aqui algumas que são comuns à maioria das culturas. Mulheres com formações religiosas e étnicas diversas terão outros *insights* específicos. O que estamos compondo é um mapa da floresta que habitamos, onde moram os predadores e qual é seu *modus operandi*. Diz-se que uma única loba conhece cada criatura do seu território num raio de quilômetros. É esse conhecimento que lhe permite viver com a maior liberdade possível.

A recuperação do instinto perdido e a cura do instinto ferido estão realmente ao nosso alcance, pois tudo volta quando a mulher presta mais atenção, ouvindo, olhando e presen-

tindo o mundo ao seu redor e, depois, agindo como vê os outros agindo, com competência, eficácia e dedicação. A oportunidade de observar outros que tenham instintos intactos é vital para esse resgate. Com o tempo, a observação, a atenção e o comportamento integrado transformam-se num modelo de ritmo próprio, um ritmo que se pratica até que ele seja reaprendido e volte a se tornar automático.

Se a nossa natureza selvagem foi ferida por alguma coisa, nós nos recusamos a nos deitar para morrer. Nós nos recusamos a trivializar esse ferimento. Invocamos os nossos instintos e fazemos o que tem de ser feito. A Mulher Selvagem é, por natureza, veemente e talentosa. No entanto, por ter sido separada dos seus instintos, ela é também ingênua, acostumada à violência, adaptável a ficar isolada tanto do pai quanto da mãe. Os amantes, as drogas, a bebida, o dinheiro, a fama e o poder não têm como abrandar os danos sofridos. No entanto, uma volta gradativa à vida instintiva tem condição de fazer isso. Para tal, a mulher precisa de uma mãe, uma mãe selvagem “boa o suficiente”. E adivinhem quem está esperando para ser essa mãe? A Mulher Selvagem gostaria de saber o que está fazendo com que você demore tanto para chegar até ela, para *realmente* estar com ela, não apenas de vez em quando, mas com regularidade.

Se você estiver lutando para fazer algo a que dê valor, é importantíssimo que se cerque de pessoas que dêem apoio inequívoco ao seu trabalho. É tanto uma armadilha quanto um veneno ter supostos amigos que sofrem dos mesmos males mas não têm nenhum desejo verdadeiro de se curar. Esses tipos de amigos incentivam a pessoa a agir de modo escandaloso, fora dos seus ciclos naturais, fora de sincronia com suas necessidades profundas.

Uma mulher braba não pode se dar o luxo de ser ingênua. Por estar voltando à sua vida inata, ela deve considerar os excessos com um olhar cético e ficar alerta para os custos que eles representam para a alma, a psique e o instinto. Como os filhotes de lobo, vamos decorar as armadilhas, como são feitas e de que modo são armadas. É dessa forma que permanecemos livres.

Mesmo assim, os instintos não recuam sem deixar ecos e rastros de sentimento, que podemos seguir para resgatá-los.

Embora uma mulher possa estar presa às garras de veludo da propriedade e das restrições, quer ela esteja a um passo da destruição decorrente dos excessos, quer tenha apenas começado a mergulhar neles, ela ainda assim ouve os sussurros do deus selvagem no seu sangue. Mesmo nas piores circunstâncias, como as descritas na história dos sapatinhos vermelhos, até os instintos mais prejudicados podem ser curados.

Para corrigir tudo isso, vamos ressuscitar a Mulher Selvagem na nossa natureza inúmeras vezes, sempre que o pêndulo estiver muito inclinado numa direção ou na outra. Vamos saber quando há motivos para preocupação, pois em geral o equilíbrio amplia a nossa vida enquanto o desequilíbrio a limita.

Uma das coisas mais importantes que podemos fazer é compreender a vida, toda a vida, como um corpo vivo em si, provido de respiração, de renovação de células, mudança de pele e resíduos. Seria tolice se imaginássemos que o nosso corpo não tivesse resíduos mais de uma vez a cada cinco anos. Seria um absurdo pensar que, só porque comemos ontem, não deveríamos ter fome hoje.

Trata-se de um disparate idêntico imaginar que, uma vez solucionada uma questão, ela permanece resolvida; que, depois que aprendemos algo, continuamos conscientes disso para todo o sempre. Não, a vida é um imenso organismo que cresce e diminui em áreas diferentes, com ritmos diferentes. Quando somos como o corpo, dedicando-nos ao crescimento, atravessando as piores situações, apenas respirando ou descansando, estamos muito vivas, estamos imersas nos ciclos da Mulher Selvagem. Se pudéssemos perceber que a tarefa consiste em continuar trabalhando, seríamos muito mais brabas e muito mais pacíficas.

Para manter a nossa alegria, às vezes temos de lutar por ela. Temos de nos fortalecer e ir fundo, combatendo da forma que considerarmos mais astuta. A fim de nos prepararmos para o sítio, podemos ter de abdicar de muitos confortos por algum tempo. Podemos viver sem a maioria das coisas por longos períodos, praticamente sem qualquer coisa, mas não sem a nossa alegria, não sem aqueles sapatos vermelhos feitos à mão.

O verdadeiro milagre da individuação e resgate da Mulher Selvagem está em que todas nós começamos o processo

antes de estarmos prontas, antes de termos a força suficiente, o conhecimento suficiente. Começamos um diálogo com pensamentos e sentimentos que tanto nos tocam com delicadeza quanto trovejam dentro de nós. Reagimos antes de saber falar a língua, antes de saber as respostas e antes de saber exatamente com quem estamos falando.

No entanto, à semelhança da mãe loba que ensina seus filhotes a caçar e a ter cuidado, é essa a forma pela qual a Mulher Selvagem ganha corpo através de nós. Começamos a falar com a sua voz, adotando seu ponto de vista e seus valores. Ela nos ensina a enviar a mensagem da nossa volta a quem for como nós.

Conheço alguns escritores que têm este lema colado acima da sua escrivaninha. Conheço uma que o leva dobrado dentro do sapato. É um trecho de um poema de Charles Simic que serve de orientação definitiva para todas nós. “Quem não sabe uivar não encontrará sua matilha.”²³

Se você quiser reconvocar a Mulher Selvagem, recuse-se a ficar no cativeiro.²⁴ Com os instintos aguçados para ter equilíbrio, salte para onde bem entender, uive à vontade, apanhe o que estiver à mão, descubra tudo o que puder, deixe que seus olhos revelem seus sentimentos, examine tudo, veja o que puder ver. Dance usando sapatos vermelhos, mas certifique-se de que eles sejam os que você mesma fez à mão. Você será uma mulher cheia de vida.